

Violência no Namoro em Contexto Escolar: Perceções e Desafios

Dissertação de Mestrado

Daniela Pereira Milheiro

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Carla Valadas

Setembro, 2025

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

O mestrado é um grau académico atribuído por uma instituição de ensino superior. Este situa-se na segunda posição na hierarquia dos graus académicos. É uma definição simples que não demonstra todo o percurso que um aluno segue até a obtenção deste grau académico. Esta caminhada foi, sem dúvida, a mais longa e dura que fiz até agora. Houve dias em que pensei em desistir, pelas dificuldades, mas houve sempre algo ou alguém que me fez levantar a cabeça e pensar que desistir nunca seria a solução. Devo ter alcançado esta meta a todos aqueles que me rodearam nesta jornada e não me deixaram só. Neste momento importante quero agradecer a todos os que cruzaram o meu caminho ao longo e que deixaram um pouco de si.

À Professora Carla Valadas, orientadora desta dissertação, agradeço-lhe por toda a gentileza, ensinamentos, compreensão demonstrada, por todas as correções, rigor científico e paciência.

A todos os que participaram nesta investigação agradeço pelo vosso contributo.

Às minhas colegas de trabalho agradeço por toda a ajuda e paciência que tiveram para comigo.

Às minhas amigas, Francisca e Justine, por fazerem parte desta jornada.

À minha família agradeço por entenderem a minha ausência e momentos perdidos.

Aos meus avós, por terem tanto orgulho neste meu projeto.

Às minhas “estrelinhas”, Bisavó Maria, avó Maria e tio Mário, que me deixaram a meio desta caminhada, obrigada por me guiarem todos os dias.

À minha irmã, agradeço-lhe por todo o apoio e carinho demonstrados ao longo de toda a vida.

Ao Daniel, agradeço por ter tornado esta caminhada menos solitária, por nunca me deixar desistir e por acreditar sempre em mim.

Aos meus pais, os maiores impulsionadores desta jornada, agradeço por terem sido os meus fãs número 1, por terem orgulho em mim e em quem me tornei. São, sem quaisquer dúvidas, exemplos para mim de resiliência e trabalho árduo. Nunca haverá palavras para descrever o quanto lhes agradeço.

RESUMO

Esta dissertação aborda o fenómeno da violência no namoro, analisando a forma como é percecionado por estudantes e profissionais numa escola situada no interior de Portugal, em território de pequenas dimensões e distante das grandes cidades. A pertinência do estudo decorre do facto de a violência no namoro continuar a ter um forte impacto na vida dos jovens, produzindo frequentemente consequências emocionais, sociais e até académicas significativas.

A investigação teve como objetivo não apenas registar as perceções dos jovens sobre a violência no namoro, mas também analisar o papel dos profissionais que intervêm no contexto escolar, como professores, psicólogos, assistentes sociais e agentes de autoridade policial. Seguiu-se uma abordagem metodológica qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas a alunos e a profissionais ligados à comunidade escolar.

Os resultados revelam que, embora os estudantes demonstrem conhecimento sobre a violência no namoro e consigam identificar comportamentos abusivos, têm frequentemente dificuldade em reconhecer a violência nas suas próprias relações. Os profissionais, por sua vez, manifestam consciência do problema, mas nem sempre intervêm perante estas situações.

Conclui-se que, apesar do nível de consciencialização existente, a identificação e o enfrentamento da violência no namoro permanecem frágeis. Torna-se, assim, essencial reforçar as estratégias de intervenção, a formação e as ações de sensibilização em toda a comunidade escolar, de modo a promover relações mais saudáveis e equitativas entre os jovens.

Palavras-chave

Contexto Escolar; Educadores; Jovens; Perceções; Prevenção; Violência no Namoro.

ABSTRACT

The present research focuses on the topic of dating violence. It aims to understand how this phenomenon is perceived by students and professionals in a school located in the interior of Portugal, in a small-sized territory far from large cities. The relevance of this study lies in the fact that dating violence continues to have a strong impact on young people's lives, often with significant emotional, social, and even academic consequences. In addition to recording young people's perceptions, the study also highlighted the role of professionals who, within the school, intervene and deal with this issue. The primary research method consisted of semi-structured interviews with students and professionals connected to the school context, as well as with law enforcement officers.

The results show that, although students demonstrate knowledge about what dating violence is and can identify abusive behaviours, in general, they struggle to recognise violence within their own relationships. The professionals interviewed revealed knowledge of the topic, but they do not always intervene. Among the conclusions of the study, it is noted that despite existing awareness, the identification and confrontation of dating violence remain weak. It is therefore urgent to strengthen forms of intervention, training, and awareness-raising across the entire school community, so that healthier relationships can be fostered.

Keywords

Dating Violence; Educators; Perceptions; Prevention; School Context; Youth;

No âmbito desta dissertação, recorri ao ChatGPT 5, ferramenta de inteligência artificial desenvolvida pela OpenAI, de forma limitada e estritamente complementar. A utilização incidiu em quatro dimensões específicas: (i) apoio em pesquisas bibliográficas preliminares e sugestão de tópicos de reflexão; (ii) identificação e correção de erros gramaticais; (iii) melhoria da estrutura frásica; e (iv) obtenção de sinónimos com o objetivo de evitar repetições.

Importa salientar que esta ferramenta não foi utilizada para a redação integral de parágrafos ou capítulos, mas unicamente para aperfeiçoamento, clarificação e revisão linguística de texto da minha autoria. A responsabilidade integral pelo conteúdo analítico, pela argumentação científica e pelas conclusões apresentadas permanece exclusivamente da autora do trabalho.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Índice Geral.....	vi
Índice de Figuras.....	vii
Siglas.....	viii
Introdução.....	1
Capítulo 1 - Escola, Legislação e Sociedade. A Violência no namoro nos anos mais recentes.....	3
1.1. Conceitos e Enquadramento da Violência: Perspetivas Teóricas e Práticas.....	3
1.2. Alguns marcos legislativos enquadradores.....	11
1.3. A violência no namoro em Meio Escolar e o papel da Intervenção e Da Mediação Intercultural ..	14
Capítulo 2 - Violência no namoro escolar: abordagem metodológica e técnicas de investigação.....	21
Capítulo 3 - Apresentação e discussão de resultados.....	25
3.1. Perceções e manifestações de comportamentos violentos.....	26
3.2. Contextualização social do fenómeno da violência.....	31
3.3. Respostas e formas de atuação em contexto escolar.....	34
4. Capítulo 4 - Discussão e interpretação dos dados.....	37
4.1. Perceções e manifestações de comportamentos violentos. A visão dos jovens.....	37
4.2. Contextualização social do fenómeno da violência.....	38
4.3. Respostas e formas de atuação em contexto escolar.....	40
Conclusões.....	42
referências bibliográficas.....	43
Apêndices.....	52
Apendice I - Guião de Entrevista – Jovens.....	52
Apêndice II - Guião de Entrevista – Agentes Educativos.....	54
Apêndice III – Análise, por Categorias, das Entrevistas a Jovens.....	56
Apêndice IV – Análise, por Categorias, das Entrevistas aos agentes escolares.....	74

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Ciclo da Violência no Namoro

SIGLAS

APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

FEM - Feministas em Ação

GIG - Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

GREVIO - Grupo de Especialistas sobre a Ação contra a Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica

INE - Instituto Nacional de Estatística

NAVVD - Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica

PSP - Polícia de Segurança Pública

UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta

UTAD - Universidade de Trás dos Montes e Alto Douro

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, inserida no âmbito do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social no Instituto Politécnico de Leiria, intitula-se “Violência no namoro em contexto escolar: compreensão, perceções e desafios”, e pretende dar um contributo para a investigação sobre o fenómeno da violência no namoro. Embora não seja uma temática nova, esta tem vindo a ganhar cada vez mais visibilidade na sociedade portuguesa, em especial entre os jovens e em contexto escolar, onde frequentemente se desenvolvem as primeiras relações de intimidade. Trata-se de uma problemática complexa e que pode apresentar diversas configurações como por exemplo: agressões físicas, verbais, psicológicas ou sexuais. Muitas vezes, este tipo de violência é normalizado pelos próprios jovens. O facto de estar presente em ambientes escolares, locais privilegiados de socialização e construção identitária, levanta sérias preocupações quanto ao papel da educação e da intervenção social na prevenção deste tipo de comportamentos.

Tendo em conta o papel relevante que a escola desempenha na vida dos indivíduos, é imperativo refletir sobre a atuação dos agentes educativos presentes na escola determinante relativamente ao modo como o problema é tratado, debatido e mesmo combatido, promovendo assim ambientes mais seguros, igualitários e inclusivos para os seus alunos.

O objetivo deste estudo é compreender como a violência no namoro é percebida por membros de uma comunidade educativa, incluindo alunos e agentes educativos que trabalham na escola, tais como psicólogos, professores e membros das forças de segurança. A investigação pretende refletir de forma mais abrangente sobre o papel da escola na prevenção deste fenómeno. Especificamente, pretende-se entender como a violência no namoro é percebida numa escola situada no centro do país, através das perceções dos vários autores, sendo estes estudantes e agentes educativos e de proteção. O estudo foi realizado entre maio e junho de 2025. Trata-se de um estudo eminentemente qualitativo, em que se privilegiou, como técnica de investigação, entrevistas semi diretivas. Entre as dimensões de análise abordadas, no capítulo quatro incluem-se aspetos relacionados com: o modo como a violência no namoro é reconhecida pelos alunos; quais

os diferentes tipos de violência que estes conseguem identificar; como reagiram ou reagiriam perante uma situação de violência no namoro; quais as perceções sobre a violência nas relações de intimidade de forma geral; a forma como o ciúme é visto enquanto “forma legítima de amor” e se rapazes e raparigas legitimam e toleram a violência no namoro de maneira similar.

A presente dissertação está dividida em três partes, introdução, corpo do trabalho e conclusão e contém quatro capítulos. Depois da introdução, o primeiro capítulo corresponde ao enquadramento teórico. Nele se discute: o que é a violência doméstica, e, em particular, a violência no namoro e suas especificidades; mudanças históricas recentes sobre o modo de encarar a violência na sociedade portuguesa; as formas de violência no namoro existentes na atualidade; o ciclo da violência no namoro; fatores de risco e consequências da violência no namoro. Nesta primeira parte são também apresentadas a legislação enquadradora da violência no namoro; o papel da escola neste fenómeno, boas práticas em contexto escolar e, por fim, o impacto da mediação intercultural em meio escolar. O segundo capítulo é dedicado à metodologia. Neste é abordada a estratégia de investigação utilizada - de natureza qualitativa – e as técnicas de recolha e análise de dados empregues: a entrevista semiestruturada, como técnica de recolha de dados, e, a análise de conteúdo, como técnica de análise dos mesmos. No terceiro capítulo é abordada a apresentação e discussão dos resultados das entrevistas. O quarto capítulo é dedicado ao diálogo entre a literatura existente sobre a temática e os resultados da investigação empírica conduzida. Finalmente, apresentam-se as conclusões no último capítulo da dissertação.

CAPÍTULO 1 - Escola, Legislação e Sociedade. A Violência no namoro nos anos mais recentes

Neste primeiro capítulo, discute-se, em primeiro lugar, o significado do conceito de “violência” e enquadra-se o modo como as relações matrimoniais e as questões da (des)igualdade entre homens e mulheres foram objeto de enquadramento legislativo específico na sociedade portuguesa desde a instauração de um regime democrático até à atualidade.

1.1. CONCEITOS E ENQUADRAMENTO DA VIOLÊNCIA: PERSPETIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS

De acordo com Ventura *et al.* (2013), a violência em geral pode ser definida como a ameaça ou o uso intencional da força ou de poder e engloba atos de agressão física, psicológica e sexual, fundamentados muitas vezes em conceções sociais e culturais estereotipadas. É um fenómeno de grande abrangência e complexidade em que a definição do que é ou não aceite é influenciada pela cultura e que está sujeito a uma constante transformação. A violência pode manifestar-se de diversas formas, designadamente, de um modo mais subtil – como a violência emocional ou o insulto verbal -, ou de uma forma mais evidente, como na agressão física (Ventura, *et al.*, 2013).

A violência nas relações de intimidade, e, em particular, a “violência doméstica” é um fenómeno mais específico ao qual a sociedade portuguesa passou a conferir maior importância somente a partir a partir de finais do século passado, quando passou a ser reconhecida como um problema social fruto de mudanças históricas e políticas. Durante o regime do Estado Novo a sociedade portuguesa era eminentemente patriarcal e a violência doméstica era tida como um assunto privado, sem intervenção do Estado ou de outras instituições (Costa, 2012; Duarte, 2011). A condição feminina encontrava-se juridicamente subordinada à masculina, sendo o Código Civil de 1966 um instrumento de reprodução dessa desigualdade, ao legitimar formas de controlo exercidas pelo homem sobre a mulher. Entre outros aspetos, a mulher casada estava sujeita ao chamado “poder marital” (artigos 1674.º e seguintes), carecendo da autorização do marido para exercer atividade profissional ou para administrar livremente os seus bens. A Revolução de Abril

de 1974 e, subsequentemente, a Constituição de 1976, que consagrou explicitamente o princípio da igualdade entre homens e mulheres (artigo 13.º), marcaram o início de um processo gradual de transformação social.

A condição feminina encontrava-se juridicamente subordinada à masculina, sendo o Código Civil de 1966 um instrumento de reprodução dessa desigualdade, ao legitimar formas de controlo exercidas pelo homem sobre a mulher. Entre outros aspetos, a mulher casada estava sujeita ao chamado poder marital (artigos 1674.º e seguintes), carecendo da autorização do marido para exercer atividade profissional (artigo 1678.º) ou para administrar livremente os seus bens (artigos 1671.º e 1673.º). A Revolução de Abril de 1974 e, subsequentemente, a Constituição de 1976, que consagrou explicitamente o princípio da igualdade entre homens e mulheres (artigo 13.º), marcaram o início de um processo gradual de transformação social. Apesar destas alterações, a violência doméstica manteve-se como um fenómeno invisível nos anos seguintes, fruto do enraizamento de normas culturais e dos estigmas sociais existentes na sociedade portuguesa (Portugal, 2000; Dias, 2008). Na década de 80 do século passado registaram-se algumas alterações, com o aumento de movimentos feministas e a criação de organizações - como a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) - que começaram a dar visibilidade à problemática (Costa, 2012). Na década seguinte, surgiram as primeiras respostas públicas e um enquadramento legal mais estruturado, culminando em 1991 na aprovação da Lei de Proteção de mulheres vítimas de violência uma medida que permitiu a intervenção judicial mesmo sem queixa da vítima (Lei n.º 61/91). Em 2000, a violência doméstica passou a ser considerada crime público, tendo sido reforçado o papel do Estado na proteção às vítimas (Duarte, 2011). Desde então, vários Planos Nacionais para a Igualdade e contra a Violência de Género têm sido implementados, com o objetivo de prevenir e combater a violência doméstica através de políticas públicas integradas (CIG, 2020).

Com o avanço de conhecimento e de sensibilização crescente para a temática observou-se que qualquer mulher pode ser vítima de violência, independentemente da sua riqueza, do seu estatuto, da sua etnia, da sua religião. Apesar disso, as mulheres mais vulneráveis são, muitas vezes, as que se apresentam em situação de maior vulnerabilidade social, em particular as mulheres de baixa escolarização e as que não possuem recursos para sair de um contexto em que sobre elas é exercida violência (Soares, 2005 cit. por Santos & Andrade, 2018).

Nos primeiros estudos sobre o tema desenvolvidos em Portugal, o foco eram as relações matrimoniais não tendo sido investigadas outro tipo de relações de intimidade (Santos, Caridade & Cardoso 2019). Atualmente, reconhece-se que a violência não ocorre apenas em relações matrimoniais, mas também nas relações de namoro entre os jovens. Também se admite que a violência não é exclusiva das relações heterossexuais, estando presente também em relações homossexuais (Antunes & Machado, 2012 cit. por Sousa, 2021).

De acordo com Lichter e McCloskey (2004), os jovens que foram expostos a violência conjugal enquanto crianças apresentam maior probabilidade de praticar atos violentos numa relação como meio de resolução de conflitos. Esta tendência é intensificada quando os jovens têm estereótipos de género tradicionais, típicos de sociedades patriarcais, que naturalizam o domínio masculino e a submissão feminina (Connell, 2005).

A violência no namoro e/ou nas relações de intimidade é um fenómeno que preocupa, de forma crescente, a sociedade. São também vários os investigadores que têm vindo a estudar o tema em profundidade. Para Vieira (2013), a violência em contexto de intimidade é um fenómeno complexo, heterogéneo, tendo em conta o tipo de relações e formas de violência. É também um tema transversal - uma vez que afeta as diferentes classes e estatutos sociais e económicos. É ainda multidimensional, em termos de tipologia, severidade, frequência e no que toca a direção dos atos violentos. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) sublinha que a violência no namoro pode ser vista como um ato de violência, pontual ou contínua, realizada tanto por um dos parceiros, como por ambos e esta pode ser feita de diversas formas (APAV, 2022).

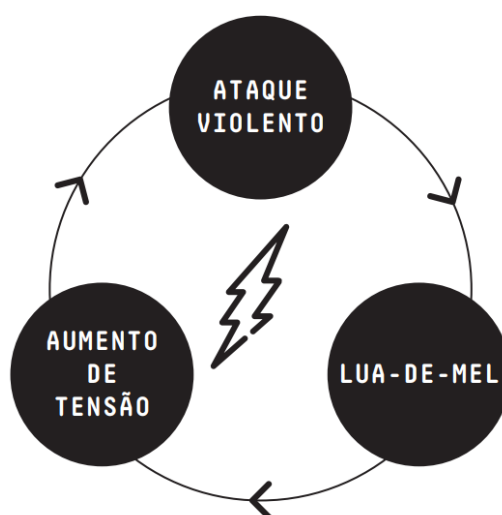
As táticas utilizadas por quem pratica a violência podem variar. Algumas assumem-se como formas mascaradas de exercer poder e controle sobre outra pessoa, podendo ser totalmente impercetíveis (APAV, 2015). Em outras situações, a violência no namoro também pode ser considerada como sendo um tipo de violência interpessoal, que envolve o uso de violência física, verbal ou emocional (Set. 2020). Os atos de violência podem ocorrer apenas uma vez durante o relacionamento, mas, por norma, são recorrentes e tenderão a piorar com o tempo, podendo cada ato de violência ser mais severo do que o anterior (Danis & Anderson, 2008 cit. por Silva, 2017).

A violência no namoro, tal como outros tipos de violência, pode, como dissemos acima, ser praticada de diversas formas. São distintas cinco formas de violência no namoro, cada uma com as suas particularidades (APAV, 2020):

1. Violência Verbal - Violência que consiste em insultar; difamar; humilhar; gritar (APAV, 2020).
2. Violência Física -Atos que terminam em dor física/lesões ou coação física (Johannesen & Logiudice, 2013). Alguns exemplos destes atos podem ser empurrar, puxar o cabelo, dar estaladas, murros, pontapés, apertar os braços com força, apertar o pescoço, bater com a cabeça da vítima na parede (CIG, 2009, p.17).
3. Violência Psicológica - Este tipo de violência compõe todas as ações que provocam *stress*, medo, isolamento, sentimentos de vergonha, humilhação e sentimentos de impotência face a uma determinada situação. Pode surgir também na forma de coação e ameaça (Johannesen & Logiudice, 2013). Exemplos destas ações podem ser: desprezar, menosprezar, criticar, insultar ou humilhar a vítima, tal como, criticar negativamente todas as suas ações, características de personalidade ou atributos físicos; gritar para atemorizar a vítima; destruir objetos com valor afetivo para ela, entre outros (CIG, 2009, p.17).
4. Violência Relacional – Este tipo de violência consiste em o agressor controlar o que a outra vítima faz nos tempos livres e ao longo do dia; este ainda, proíbe o contacto com familiares e pessoas amigas (APAV, 2020)
5. Violência Sexual - Neste tipo de violência podemos englobar todos os atos sexuais sem o consentimento da vítima, ou com consentimento obtido através de coação, havendo contacto sexual ou até mesmo violação (Johannesen & Logiudice, 2013).
6. Violência no namoro digital – Este tipo de violência, também designada *digital dating abuse* ou *cyber dating violence*, refere-se a comportamentos abusivos através de tecnologias digitais, como redes sociais, mensagens de texto ou outras plataformas online. Hinduja e Patchin (2021) definem-na como atos físicos, sexuais ou psicológicos/emocionais de violência entre parceiros românticos que ocorrem através de meios digitais. De forma complementar, Zweig *et al.* (2014) descrevem-na como um padrão de comportamentos de controlo, pressão ou ameaça a um parceiro amoroso através do uso do telemóvel ou da Internet.

A violência no namoro é um fenómeno relacional que pode apresentar uma dinâmica cíclica, frequentemente descrita como o “ciclo da violência”. Este conceito, originalmente proposto por Lenore Walker nos anos setenta do século XX no contexto da violência doméstica, foi posteriormente adaptado ao estudo das relações de intimidade entre jovens. Segundo Walker (1979), "o ciclo da violência tende a repetir-se com maior frequência e intensidade ao longo do tempo, reforçando a ligação emocional da vítima ao agressor" (Walker, 1979, p. 59) Assim, e nas relações de intimidade em geral, a violência tende a ocorrer de forma cíclica, originando três fases, como se pode ver na Figura 1 abaixo.

Figura 1- Ciclo da Violência no Namoro



Fonte: APAV, s.d.

A primeira fase do ciclo da violência no namoro corresponde ao aumento da tensão. Nesta etapa, um dos membros da relação começa a acumular frustrações e problemas do quotidiano, sem conseguir encontrar formas adequadas de os resolver, o que gera um ambiente crescente de instabilidade e nervosismo. Pouco a pouco vão-se definindo e assumindo os papéis de “agressor” e de “vítima”. O agressor começa a criar um ambiente de perigo iminente para o parceiro(a), culpando o mesmo, mostrando-se tenso e irritado por coisas irrelevantes, humilhando a vítima, fazendo ameaças e destruindo objetos por exemplo (Tavares, 2011).

A segunda fase caracteriza-se pelo ataque violento, durante a qual o agressor maltrata física e psicologicamente a vítima. Em relação às agressões físicas, estas começam normalmente com pequenas ofensas à integridade física (por exemplo estalos, chapadas,

empurrões) e vão aumentando de intensidade, passando a ofensas à integridade física graves (por exemplo, agressão com objetos tais como cintos, pás, chicotes ou facas), acabando algumas vezes por levar ao homicídio. Já a violência psicológica, acontece quando o agressor passa por controlar a vítima, isolá-la, torná-la frágil, dependente e insegura. Este tipo de violência não provoca marcas físicas imediatas, mas acaba por causar danos mais tarde podendo causar à vítima depressões, *stress* ou ansiedade, por exemplo (Tavares, 2011 p.3).

A terceira fase pode designar-se fase da “lua de mel”. Depois da violência física e/ou psicológica consumada, surge uma fase de arrependimento. É nesta fase que o agressor promete que não vai voltar a ser violento. Este arrependimento é baseado em várias premissas, de entre as quais podemos destacar: por um lado, o constrangimento por parte do agressor, ou seja, este sente algum pudor social relativo ao ato da agressão e, por outro lado, o receio das consequências legais que advêm do ato. O agressor promete que não vai voltar a ser violento e procura desculpabilizar os seus atos. Começa a tratar a vítima com delicadeza e carinho tentando seduzi-la e convencê-la de que, de facto, foi a última vez que foi agressivo e a agrediu (Tavares, 2011, p.3).

Para além das fases da violência no namoro existem também fatores que interferem nas relações no namoro e podem ampliar a probabilidade de ser vítima ou perpetrar violência. Na literatura foram identificadas variáveis que podem predispor os jovens à violência no namoro. exemplos de alguns atos são: o envolvimento em atos violentos de crianças e jovens, quer como vítimas, quer como agressores; o consumo de tabaco, álcool e/ou drogas antes dos 12 anos de idade; o historial de agressão precoce; e o insucesso escolar (Matos, *et al.* 2009).

Segundo Vagi. *et al.* (2013) os fatores de risco podem ser repartidos em 3 categorias distintas: características da vítima (e.g. idade e experiências antecipadas de vitimização); características dos agressores (e.g. a idade, o género, traços de personalidade) e características situacionais (por exemplo, hábitos de consumo de álcool). Numa versão um pouco diferente, outro autor, Caridade (2011) considera que estes fatores se distribuem por seis (e não três) categorias: fatores familiares; fatores ambientais; fatores sociodemográficos; fatores intrapessoais; fatores interpessoais e fatores situacionais ou contextuais. Vejamos, em seguida, a que corresponde cada uma delas:

Fatores Familiares

A história familiar, tanto do agressor como da vítima, pode ser um fator de risco. A vivência de um abuso durante a infância aumenta a probabilidade de o jovem se envolver numa relação violenta. Deve-se ter em conta que violência interpaparental pode comprometer o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis para as crianças da relação, uma vez que a inserção destas num ambiente violento promove poucas oportunidades de socialização (Montiel, *et al*, 2025).

Fatores ambientais

A influência dos “pares” é encarada como o efeito que pessoas do mesmo grupo social exercem umas sobre as outras, moldando comportamentos, atitudes e decisões, esta pode ser positiva, negativa, direta ou indireta. É um fator “ambiental” importante pois os grupos sociais são responsáveis pela transmissão de normas, valores e comportamentos relacionais que são aprendidos através da observação. Quer isto dizer que a interação com membros do grupo de pares que estiveram envolvidos em violência em contexto relacional pode ser considerado um fator de risco (Arriaga & Foshee, 2004), uma vez que aumenta a probabilidade de os jovens imitarem os comportamentos violentos.

Fatores sociodemográficos

Neste tipo de fatores devemos ter em conta quatro indicadores: a idade, etnia, área de residência, nível socioeconómico (Caridade, 2008).

As raparigas têm maior probabilidade de sofrer violência quando infligem violência, pois, consideram a violência masculina legítima (O’Keefe, 1997, cit. por Caridade, 2008). No que diz respeito à idade, os adolescentes possuem pouca maturidade emocional e inexperiência relacional, tornando-se mais vulneráveis à violência. (Serquino-Ramiro, 2005, cit. por Caridade & Machado, 2006; Felix, 2012).

Fatores Intrapessoais

Fatores intrapessoais são aqueles que devem ter um olhar prioritário relativamente a outras explicações macro (Sharpe. & Taylor. 1999; cit. por Caridade, 2011). Aqui, estão presentes características individuais que aumentam a probabilidade de uma pessoa estar envolvida em relacionamentos abusivos, seja como vítima ou agressor. Estes fatores

podem estar correlacionados com fatores psicológicos e emocionais, bem como com crenças.

Fatores Interpessoais:

Nos fatores interpessoais, a falta de experiência nas relações amorosas, a duração da relação e o número de parceiros amorosos que o jovem já teve revelam-se como importantes fatores de risco (Matos, Machado, Caridade, & Silva, 2006; Caridade, 2011). Outros aspetos ligados à satisfação relacional, estratégias de resolução de problemas, competências de comunicação, duração da relação, comprometimento emocional podem também ser importantes.

Fatores situacionais ou contextuais

Este tipo de fatores é representado pela relação entre o consumo de substâncias e a violência no namoro. Segundo Buzy *et al.* (2004), o consumo de álcool é um fator de risco para o início de violência durante o namoro.

Em suma, são identificados pela literatura múltiplos fatores que levam à possibilidade de ser agressor ou vítima de violência no namoro. Tendo em conta os diversos fatores de risco enumerados anteriormente nas relações de intimidade, a sociedade em geral deve estar atenta, e não apenas as vítimas, conforme sugere a Comissão para a Igualdade de Género (CIG). Este é um problema sério que afeta não só a vítima e o agressor, mas a sociedade em geral, devendo existir cada vez mais sensibilização de parte das instituições para a temática junto dos mais novos (CIG, 2019).

Como referem Martins & Rodrigues (2022), consequências para a violência no namoro podem ser significativas ao nível da saúde mental, física e cognitiva. Por vezes, quando existem situações de violência recorrentes, estas culminam em situações de homicídio ou de suicídio, neste caso por parte da vítima. Diversos estudos, como o estudo de Teixeira *et al.* de 2023 e o de Posse 2023 têm-se debruçado sobre o impacto das ações violentas nas vítimas de agressão procurando identificar melhor as respetivas consequências.

As consequências para as vítimas podem ser: doenças sexualmente transmissíveis, ideias suicidas, baixa qualidade de vida, redução do bem-estar, diminuição do sucesso académico, redução da saúde mental e problemas no controlo de peso (Silverman *et al.* 2001, cit. por Close. 2005; Quinones & Navarro, 2022; Malherbe, *et al.* 2023).

Além disso, as vítimas da violência no namoro podem desenvolver uma conduta sexual pouco saudável. As pessoas vítimas de violência na fase da adolescência, por norma, apresentam baixa autoestima, autoperceção desvalorizada, falta de esperança e sentimento de impotência que as leva a perceberem-se como não tendo poder nem direitos.

Salienta-se ainda que as consequências da agressão não são uniformes, podendo variar consoante diversos fatores. Entre eles, destacam-se a existência de experiências anteriores de violência, a frequência e a gravidade dos comportamentos agressivos, a duração da situação abusiva, o tipo de violência sofrida (e.g. sexual, verbal ou física), bem como o tipo de vínculo estabelecido entre a vítima e o agressor. Assim, os efeitos da vitimização tendem a diferir de pessoa para pessoa, dependendo da intensidade, da continuidade e do contexto relacional em que a violência ocorre (Caridade & Machado, 2006).

Em suma, as consequências da violência no namoro vão além do impacto imediato na saúde física e mental das vítimas. Esses danos graves exigem uma resposta da sociedade para proteger as vítimas e responsabilizar os agressores. Nesse contexto, a legislação desempenha um papel crucial. Em Portugal, o crime de violência doméstica, que inclui a violência no namoro, está previsto no artigo 152.º do Código Penal. Este artigo estabelece claramente que a violência nas relações de intimidade é considerada um crime público, o que permite que, mesmo sem uma denúncia formal da vítima, as autoridades possam atuar, garantindo a proteção e a justiça necessárias.

1.2. ALGUNS MARCOS LEGISLATIVOS ENQUADRADORES

Em particular, o crime de violência no namoro está inscrito dentro do crime de violência doméstica, sendo esta considerada um crime público. Enquanto crime público, não é necessário que exista uma queixa feita de forma rigorosa em termos jurídicos pela vítima, é apenas necessário haver uma denúncia ou conhecimento do crime, para que o Ministério Público abra o processo. O artigo 152.º do Código Penal, relativo à violência doméstica, descreve este crime do seguinte modo: “infligir, de modo reiterado ou não, maus-tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais ao cônjuge, ex-cônjuge ou pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente

mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges”(Portugal, 1995).

Com o passar do tempo, e as alterações que sofreu a própria sociedade, foi necessário que existissem adendas a este artigo do Código Penal, o que levou a que a 7 alterações recentes (nos anos de 1998, 2000, 2007, 2013, 2018 e 2021). Estas alterações refletem o compromisso legislativo existente em Portugal no sentido de aprimorar a resposta penal ao crime de violência doméstica, adaptando-a às necessidades de proteção das vítimas e às dinâmicas sociais contemporâneas.

Com a crescente preocupação pela temática, o Conselho da Europa, organização internacional que atua na área dos direitos humanos e de que Portugal é membro – adotou a chamada “Convenção de Istambul”, que passo a explicar no próximo ponto.

A Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e à Violência Doméstica, também designada “Convenção de Istambul” foi aprovada pelo Conselho da Europa em 2011. É reconhecida como o primeiro instrumento juridicamente vinculativo para o combate da violência de género por toda a União Europeia. Esta Convenção define um conjunto amplo de normas para a prevenção da violência, a proteção das vítimas e a responsabilização dos agressores, adotando uma abordagem integrada e multidimensional.

Um dos contributos mais significativos da Convenção de Istambul é a sua capacidade de harmonizar a legislação entre os estados signatários. Ao estabelecer um quadro jurídico comum, a Convenção incentiva os países a reformularem e ajustarem as suas leis nacionais para assegurar uma abordagem mais eficaz no combate à violência contra as mulheres e à violência doméstica. A existência de uma harmonização da legislação permite que os estados desenvolvam políticas mais coerentes e coordenadas, assegurando que as vítimas recebam proteção adequada, independentemente do país em que se encontrem. Outro contributo importante da Convenção é a existência do Grupo de Especialistas sobre a Ação contra a Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica (GREVIO). Através da sua intervenção é realizada uma monitorização internacional e assim, é possível acompanhar o progresso dos estados signatários na implementação das normas estabelecidas. Este acompanhamento, rigoroso e independente, permite avaliar a eficácia das políticas adotada. Através desta monitorização é criada uma pressão constante para que as políticas de prevenção e combate à violência sejam eficazes e

contínuas. A Convenção promove ainda uma alteração de paradigma fundamental na forma como a violência de género é entendida e tratada (GREVIO, 2022).

Em concreto, no texto da Convenção, encontramos uma referência concreta aos respetivos contributos e avanços nela contidos:

“1. A Convenção de Istambul tem como finalidade proteger as mulheres contra todas as formas de violência, bem como prevenir situações

- a) Contribuir para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres;
- b) Conceber políticas e medidas de proteção e assistência às vítimas de violência contra as mulheres e de violência doméstica;
- c) Promover a cooperação internacional, para eliminação da violência contra as mulheres;
- d) Apoiar e assistir as organizações e os serviços responsáveis pela aplicação da lei.

2. A Convenção cria um mecanismo de monitorização específico a fim de assegurar que as Partes apliquem efetivamente as suas disposições (Convenção de Istambul, s.d.)

Ao ratificar a Convenção de Istambul, Portugal comprometeu-se a adaptar a sua legislação nacional para estar em conformidade com as normas do tratado.

Deste modo, verificamos que tem sido criado em Portugal um enquadramento legal para punir as agressões por violência nas relações de intimidade (tanto na violência no namoro como na violência doméstica). De entre os atos legislativos recentes mais significativos, destacam-se:

1. Reformas legislativas – é o caso da Lei n.º 83/2015 que introduziu alterações ao Código Penal, no sentido de reforçar a proteção das vítimas de violência doméstica, criminalizando práticas como a mutilação genital feminina e o casamento forçado. Em 2015, o crime de perseguição ou "*stalking*" foi tipificado no Código Penal. Foram, também, reforçadas as medidas de proteção das vítimas, incluindo ordens de afastamento e meios eletrónicos de monitorização dos agressores.

2. O Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência contra as Mulheres e Violência Doméstica (2022-2025) que incorpora os princípios fundamentais contidos da Convenção de Istambul, conferindo um especial enfoque à prevenção, proteção das vítimas e punição dos agressores.
3. Medidas de proteção às vítimas – através, por exemplo, da criação de um maior apoio em casas-abrigo e linhas de atendimento para vítimas de violência doméstica. Outra medida é a adoção do estatuto de “vítima” para garantir proteção legal e assistência.
4. Treino e sensibilização – Neste ponto, a Convenção de Istambul influenciou para a existência de formação obrigatória para profissionais da justiça, saúde, educação e forças de segurança para identificar e atuar em casos de violência de gênero (Convenção de Istambul, s.d.; Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa. (s.d.).

A criação desta legislação e disseminação destes mecanismos de atuação tem permitido um maior controlo e prevenção de situações de violência, desde logo porque está prevista uma punição para estes fenómenos. Em concreto, a existência de legislação não só estabelece um quadro legal de punição para situações de violência, como também abre espaço para uma reflexão acerca da importância da prevenção em diferentes contextos sociais, em especial no meio educativo. É justamente neste cenário - no contexto escolar - que a violência no namoro ganha relevância nos nossos dias. Isto exige uma análise, designadamente, acerca de qual pode/deve ser o papel da escola na prevenção de comportamentos violentos; a identificação de boas práticas; a compreensão mais alargada sobre a relevância da mediação intercultural e a intervenção dos diferentes atores sociais presentes no contexto escolar.

1.3. A VIOLÊNCIA NO NAMORO EM MEIO ESCOLAR E O PAPEL DA INTERVENÇÃO E DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL

A escola é um contexto favorável para o desenvolvimento das primeiras experiências amorosas. Muitas das crianças/adolescentes em Portugal têm grande parte do seu tempo preenchido com atividades escolares, daí este ser o palco para as suas relações amorosas.

Por este mesmo motivo, é necessário que exista dentro das escolas informação relativa à temática da violência no namoro (Caridade, Pereira. & Soeiro, 2018).

A escola assegura a aprendizagem de competências formais, como a escrita e a leitura, e também de competências relacionais (Bloom, 2022). A socialização que existe dentro das escolas é uma forma de “socialização secundária”. Esta mostra ao indivíduo submundos que ele desconhece, percebendo assim que existem outras culturas, outras visões do mundo além da dele (Oliveira, *et al.* 2017, p. 33).

A escola é um local multifacetado que contribui para a formação integral dos alunos, que os prepara para os desafios de uma sociedade cada vez mais complexa e globalizada.

Relativamente ao campo cognitivo, a escola exerce um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades essenciais, como o pensamento crítico, a criatividade e a resolução de problemas. Segundo Schunk (2020) o aluno deve ser visto como um sujeito ativo em processo de aprendizagem.

É necessário salientar a função da escola, em particular, no que diz respeito ao seu papel na educação para a cidadania do aluno. É um papel fundamental, uma vez que, contempla jovens em crescimento junto dos quais é possível realizar uma maior consciencialização e desmistificação de crenças e estereótipos. (Guerreiro, *et al.* 2015, p.23)

Quando a violência no namoro acontece em contexto escolar pode revelar-se difícil, uma vez que tanto a vítima como o agressor frequentam o mesmo ambiente escolar (e.g. muitas vezes, a vítima, para lidar com esta situação, opta por deixar de frequentar as aulas e as atividades escolares). Assim sendo, é necessário que sejam criadas, nas escolas, boas práticas para que possíveis situações de violência no namoro possam ser travadas, e até mesmo antecipadas.

Com o aumento do número de casos de violência no namoro em idades juvenis — que, em Portugal, começaram a ser monitorizados em 2013 — as escolas e outras entidades, como a Direção-Geral da Educação, a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG) e a Polícia de Segurança Pública (PSP), identificaram igualmente a necessidade de promover boas práticas em contexto escolar. Várias organizações têm vindo a colaborar com os estabelecimentos de ensino com o objetivo de desmistificar esta problemática e

de aumentar o conhecimento dos jovens, capacitando-os para identificar situações de violência no namoro.

Segundo Barroso (2019), ao envolverem-se na prevenção da violência, as escolas promovem um espaço de consciencialização contínua. Este tipo de intervenção pode conduzir a mudanças de atitudes e, como o autor sublinha, programas de educação e sensibilização realizados no contexto escolar têm o potencial de transformar a perceção dos jovens sobre a violência nas relações amorosas, incentivando ambientes de respeito e igualdade.

Apresentam-se, de seguida, alguns exemplos de boas práticas que têm vindo a ser implementadas nas escolas portuguesas:

- 1) “No Namoro Não Há Guerra”– Campanha dinamizada pela Escola Segura da PSP, que visa a partilha de informação sobre violência no namoro e a sensibilização dos jovens para denunciarem situações de que tenham conhecimento. A iniciativa destina-se a alunos do 3.º ciclo e do ensino secundário.
- 2) Aulas de Cidadania– Introduzidas no ano letivo de 2018/2019, estão presentes em todas as escolas e abordam a relação entre o indivíduo e o mundo que o rodeia, numa interação constante com os contextos físico, social, histórico e cultural. A Direção-Geral da Educação (s.d.) destaca que estas aulas colocam às escolas o desafio de preparar os alunos para as múltiplas exigências da sociedade contemporânea.
- 3) Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica (NAVVD) – Para além do atendimento direto às vítimas, o NAVVD realiza sessões de divulgação dos seus serviços, abordando também comportamentos típicos de agressores e vítimas. Estas ações podem decorrer em escolas ou noutros espaços disponibilizados pelos municípios.
- 4) “Só há plano A – Antiviolença” – Projeto da associação *Betweien*, em parceria com o músico Nuno Ribeiro, destinado à prevenção do *bullying* e da violência nas relações, direcionado a alunos do 3.º ciclo e do ensino secundário. Através de uma apresentação e de uma música criada especificamente para o projeto, são explicados aos jovens os riscos associados à violência no namoro.
- 5) “Recuso ser vítima” – Atividade dinamizada pela associação “*Tocar n’Alma*”, que promove uma reflexão ativa e positiva sobre a violência nas relações de

intimidade, através de apresentações interativas que exploram temas como violência doméstica, perfil do agressor e tipologias de violência.

Paralelamente, as transformações em curso no espaço escolar reforçam a importância da mediação intercultural. Ao contrário do que sucede em modelos mais centrados na resolução de conflitos, esta abordagem tem uma natureza essencialmente preventiva, educativa, transformadora, capacitadora e reabilitadora. O seu objetivo central é favorecer a integração intercultural, promovendo a coesão social e a inserção das minorias (Vieira & Vieira, 2016, p. 49).

Conforme atesta a literatura, a Mediação Intercultural engloba três modalidades, nomeadamente:

A) Mediação preventiva – Esta modalidade procura facilitar a aproximação, a comunicação e a compreensão entre as pessoas, grupos e comunidades com códigos culturais diferentes. Neste tipo de mediação deve-se antecipar os conflitos;

b) Mediação reabilitadora – Nesta modalidade existe intervenção na regulação e resolução de tensões e conflitos interculturais. Este tipo de mediação deve transformar as formas de convivência existentes;

c) Mediação transformadora – Por fim, a modalidade da mediação transformadora supõe a abertura de um processo criador que supere normas, costumes e pontos de vista particulares, em situações de convivência multicultural para alcançar novas normas e modos de relação partilhados. (Cohen-Emerique, 1997 cit. por Vieira. & Vieira. 2016 p. 50).

Cada modalidade implica níveis diferentes de intervenção, mas todas têm como objetivo comum a promoção de uma convivência pacífica e enriquecedora entre diferentes indivíduos e comunidades. A ideia de progressão subjacente traduz uma visão holística e estratégica da mediação, que não se restringe ao momento do conflito, mas investe na construção de relações mais justas, inclusivas e inovadoras.

Torremorell (2008), um dos autores que analisou em profundidade a mediação intercultural, identifica quatro fases durante o processo de mediação intercultural. Segundo o autor, estas fases são essenciais para criar um ambiente de resolução de conflitos e colaboração entre indivíduos de diferentes culturas.

- Na fase da “Entrada” é fundamental que o mediador seja capaz de estabelecer uma relação de confiança com todos os envolvidos. Neste primeiro momento do processo deve-se explicar o que é a mediação e informar sobre como o processo irá decorrer;
- Na fase do “Conta-me” as partes envolvidas relatam a sua versão dos factos, o mediador realiza uma escuta ativa e atenta incluindo da linguagem não verbal dos participantes. Para que todos os intervenientes se sintam como iguais é fulcral que o mediador defina o mesmo tempo de fala para todos.
- Na fase do “Situar-se”, com base no que foi relatado e escutado na fase anterior, o mediador expõe o conflito, procurando evidenciar os pontos em comum entre as partes, e delinear uma estratégia orientada para uma solução de benefício mútuo.
- Na fase do “Concertar”, tendo em conta os pontos comuns, devem ser proporcionadas formas de colaboração e comunicação entre as partes. É essencial que ambas as partes fiquem satisfeitas com todo o processo.

As fases do processo de mediação intercultural, descritas por Torremorell (2008), são etapas que contribuem para a criação de um espaço seguro e equilibrado, favorecendo a resolução de conflitos e a promoção da colaboração entre indivíduos de diferentes culturas. Ao permitir a escuta ativa, a reflexão sobre os pontos em comum e a busca por soluções partilhadas, este processo vai além da resolução de problemas, pois potencia uma aprendizagem mútua. Este ponto é especialmente relevante no contexto educativo, onde a diversidade cultural pode ser vista como um ponto de partida para a construção de um ambiente mais inclusivo e enriquecedor. Nesse sentido, também Cordeiro (2024) sublinha que “a Mediação Intercultural em território educativo procura reconhecer a diversidade cultural como potencializadora de aprendizagens e não como obstáculo” (Cordeiro, 2024, p. 27).

A mediação em território educativo é particularmente relevante, uma vez que a escola pode ser entendida como um microssistema da sociedade, caracterizado pela presença de indivíduos com diferentes culturas, etnias e experiências. Perante esta diversidade, torna-se fundamental a existência de profissionais especializados — designadamente da área social — que possam intervir nesse contexto (Cordeiro, 2024).

A mediação intercultural em territórios educativos deve ser entendida como um processo que ultrapassa a mera gestão de conflitos e se centra na promoção do diálogo, da inclusão e da valorização da diversidade cultural no espaço escolar. Segundo Vieira & Vieira (2012), os territórios educativos são frequentemente espaços onde existe a reprodução de desigualdades e estigmas, mas por outro lado, também podem constituir-se como lugares de afirmação positiva através de práticas de mediação sociopedagógica. Neste sentido, a mediação assume uma função de “tradução” entre diferentes margens culturais, permitindo aproximar alunos, professores e comunidades com experiências e referências distintas (Vieira, Vieira & Marques, 2024).

A investigação mais recente tem evidenciado que a mediação intercultural nas escolas portuguesas contribui para a existência de uma maior coesão social e para a construção de um clima relacional mais saudável. Andrade (2018) e Madureira (2022), em estudos de casos em contexto escolar, mostram que a mediação intercultural favorece a inclusão de alunos de origens diversas, promovendo a escuta ativa e a resolução colaborativa de problemas. Do mesmo modo, Vieira, Neves e Vieira (2017) sublinham que as mediações socioculturais em territórios educativos são fundamentais para que a escola consiga responder de forma efetiva aos desafios da multiculturalidade, valorizando a diferença em vez de a transformar em fator de exclusão.

Mais recentemente, Vieira (2024) distingue a mediação intercultural da mediação dita “clássica”, argumentando que a primeira não se limita à negociação de interesses em disputa, mas pretende construir relações sociais mais inclusivas, baseadas na cooperação e na participação. Esta perspetiva coloca a mediação como uma prática da pedagogia social, com forte dimensão preventiva e formativa, orientada para a construção de uma cidadania democrática e intercultural.

Além disso, Cardoso (2006) sustenta que a educação não se constrói apenas com professores. A qualidade do ensino depende, cada vez mais, de intervenções realizadas a montante da sala de aula. O espaço de articulação entre sociedade, família e escola/professor revela-se cada vez mais amplo e complexo, exigindo a intervenção de agentes educativos especializados. Também o papel do professor se transformou, ultrapassando a mera transmissão de conhecimentos: hoje, pode ser compreendido

como mediador de saberes nas várias áreas e, em simultâneo, como mediador sociopedagógico (Vieira & Vieira, 2017).

Assim, evidencia-se que a escola, enquanto espaço de aprendizagem e de construção social, requer a atuação de diferentes agentes educativos, sendo que o professor assume igualmente funções de mediação sociopedagógica. Esta perspetiva reforça a necessidade de compreender, por meio de uma abordagem metodológica adequada, de que forma tais intervenções se manifestam e influenciam a realidade educativa. No capítulo seguinte, apresenta-se a metodologia adotada para a análise da problemática em estudo.

CAPÍTULO 2 - VIOLÊNCIA NO NAMORO ESCOLAR: ABORDAGEM METODOLÓGICA E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO

A ciência é feita através de um processo sistemático que cumpre etapas lógicas e coerentes de investigação, transformando concepções reais em fundamentos teóricos (Ferrer, *et al.*, 2023). A pesquisa científica procura um aumento de aquisição e construção de conhecimento (Vieira, 2010).

Segundo Lunetta e Guerra (2023), a metodologia de investigação científica “vai além de um simples manual”. Como referem os autores:

“é um guia que ajuda a refletir sobre a trajetória dos cientistas nesse mundo. Tanto os alunos de graduação, que enfrentam a difícil tarefa de concluir seus trabalhos finais, como os alunos de mestrado e doutorado, que se veem diante das complexidades de suas dissertações e teses, enxergam esses projetos como barreiras. Mas essa visão é o oposto do que deveria ser, e é importante encarar a pesquisa como uma oportunidade de crescimento e realização” (Lunetta & Guerra, 2023, p.150)

Tendo em conta esta perspectiva - que valoriza a investigação como um processo de descoberta e desenvolvimento pessoal e científico - considerou-se pertinente adotar uma abordagem metodológica que privilegiasse a compreensão dos fenômenos sociais. Em concreto, neste trabalho, optámos por realizar um estudo eminentemente qualitativo. A sua origem e evolução estão intrinsecamente ligadas à necessidade de entender os contextos socioculturais, históricos e subjetivos que moldam as interações humanas e sociais.

Vários autores sublinham que a investigação qualitativa privilegia o questionamento social, centrando-se na forma como os indivíduos dão sentido às suas experiências e às interpretações do mundo em que vivem (Sparkes & Smith, 2014). A abordagem qualitativa nas Ciências Sociais tem raízes históricas que remontam aos estudos etnográficos e à Antropologia, onde os investigadores procuravam compreender culturas e modos de vida de grupos sociais específicos. Foi, contudo, no século XX, que esta abordagem passou a ser aplicada de forma sistemática em diversas áreas, acompanhando as transformações sociais e políticas do período (Hammersley, 2023).

Esta abordagem metodológica destaca-se pela capacidade de explorar as complexidades das experiências humanas. Neste tipo de metodologia são investigados principalmente as questões do “porquê” e do “como” que estão na base no comportamento humano. Estas têm especial pertinência quando o objeto de estudo é a descoberta (Gratton & Jones, 2004). Mais recentemente, Rana *et al.*, (2023) confirmam que as metodologias qualitativas continuam a ser cruciais, uma vez que a compreensão das perspetivas subjetivas é determinante para interpretar fenómenos complexos. Do mesmo modo, Valtakoski e Glaa (2024) reforçam a ideia de que os dados qualitativos assentam numa análise indutiva ou abductiva de informação rica e não estruturada, a partir da qual emergem perceções teóricas.

Em suma, a abordagem qualitativa não se limita à descrição dos factos ou comportamentos, mas centraliza-se na interpretação dos significados profundos e contextuais.

Na investigação qualitativa são utilizadas diversas técnicas de recolha de dados, dependendo dos objetivos de estudo e do modelo de análise, sendo que uma delas pode ser a entrevista. A entrevista é considerada uma técnica em que:

“o investigador se apresenta frente ao investigado e por meio de perguntas formuladas busca a obtenção dos dados que lhe interessa. É uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para o objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo” (Minayo, 2010 p. 261).

Tal como todas as técnicas de recolha de dados, a entrevista tem vantagens e desvantagens. Algumas das vantagens podem ser: a obtenção de testemunhos autênticos dos entrevistados, fornecendo *insights* sobre suas experiências vividas e visões de mundo; permitir uma maior interação com o entrevistado, muitas vezes através da adaptação do tema e das perguntas às perceções do entrevistado; e por fim, permitir ao entrevistador compreender comportamentos e atitudes. As suas desvantagens prendem-se com: a falta de motivação do entrevistado para responder; a eventual incompreensão do significado das perguntas; a possibilidade de fornecimento de respostas falsas (por razões conscientes ou inconscientes) e a influência das opiniões pessoais do entrevistador (Cohen. *et al.*, 2018).

Tendo em conta a problemática da investigação, considerou-se adequada a utilização de entrevistas semiestruturadas. A escolha deste tipo de entrevista deve-se ao facto de permitir uma maior flexibilidade na recolha de informação, uma vez que conjuga questões previamente definidas com a possibilidade de aprofundar respostas, explorar novas dimensões e captar perceções subjetivas dos participantes (Quivy & Campenhoudt, 2017). Este tipo de entrevista é considerado particularmente adequada em contextos educativos, onde se pretende compreender experiências, opiniões e significados concedidos a fenómenos sociais complexos, como é o caso da violência no namoro em contexto escolar. Além disso possibilita a criação de um ambiente mais natural e de proximidade entre entrevistador e entrevistado, favorecendo a autenticidade das respostas (Cohen, *et al.*, 2018).

Realizaram-se 20 entrevistas semiestruturadas com dois grupos distintos de participantes: 10 jovens em idade escolar e 10 profissionais de diferentes áreas, nomeadamente, professores, auxiliares de ação educativa e agentes de proteção. As entrevistas foram conduzidas presencialmente, com o auxílio de um guião de entrevista que incluía questões abertas, permitindo aos participantes expressar e justificar livremente as suas opiniões. Paralelamente, o guião contemplava algumas perguntas fechadas, destinadas a recolher informações sociodemográficas essenciais ao estudo. As entrevistas decorreram na região centro de Portugal, entre os meses de maio e junho de 2025, com uma duração média de 45 minutos. Durante o processo, registaram-se detalhes relevantes, e todas as entrevistas foram transcritas na íntegra. Após a coleta dos dados, iniciou-se o tratamento das informações, que, por ser um estudo qualitativo, foi realizado por meio da análise de conteúdo.

Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo é definida como:

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e receção dessas mensagens” (Bardin, 2016, p.47)

A análise de conteúdo envolve três etapas principais:

1. Pré-análise – A primeira fase consiste na organização do material, que envolve a leitura flutuante, a formulação de hipóteses e a definição do corpus de análise.

2. Exploração do material – Na segunda fase são elaboradas categorias e codificação, ou seja, transforma-se o “material bruto” em dados organizados.
3. Tratamento e interpretação – Na terceira e última fase são analisados criticamente os dados, o que permite estabelecer conclusões que respondam aos objetivos da investigação e elaboram-se as conclusões que resultam das observações realizadas (Bradin, 2016, p. 47).

Este processo possibilita uma compreensão mais profunda e holística das informações obtidas, assente na interpretação das perspetivas dos participantes.

De entre as dificuldades encontradas ao longo desta fase da investigação destaca-se a identificação de entrevistados dispostos a participar sem impor restrições à gravação das entrevistas, por exemplo, apesar de o anonimato ter sido previamente garantido. Outro desafio significativo foi a conciliação de agendas, especialmente com os agentes educativos e de proteção, cujos horários eram bastante variados e frequentemente não coincidentes com os períodos disponíveis para o encontro. Além disso, as dificuldades logísticas em encontrar um local adequado para a realização das entrevistas também se revelaram um obstáculo, sendo necessário, muitas vezes, recorrer a espaços públicos para a realização das entrevistas.

CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo apresenta-se a análise e discussão dos resultados decorrentes da categorização dos discursos produzidos pelos participantes nas entrevistas realizadas. Foram conduzidas 10 entrevistas semidiretivas com jovens¹ e 10 entrevistas semidiretivas com agentes educativos², designadamente: psicólogos/as, assistentes sociais, docentes e outros profissionais em contacto direto com jovens. Para a apresentação dos resultados, optou-se por integrar as perspetivas de ambos os grupos, de modo a evidenciar pontos de convergência e divergência na compreensão do fenómeno da violência no namoro. A análise de conteúdo permitiu identificar nove grandes categorias temáticas, cada uma delas subdividida em subcategorias.

A análise de conteúdo das entrevistas permitiu a identificação de nove grandes categorias temáticas: (1) Perceções da Violência no Namoro, que inclui conceções e tipos de violência; (2) Diferenças de Género na Violência no Namoro, centrada no papel dos estereótipos de género; (3) Fatores que Contribuem para o Surgimento da Violência, com destaque para aspetos individuais, emocionais e contextuais; (4) Sinais de Namoro Abusivo, relacionados com comportamentos de controlo, ciúmes ou agressões; (5) Reconhecimento e Normalização da Violência, que evidencia dificuldades na identificação de práticas abusivas e a perceção da violência como algo comum; (6) Barreiras à Rutura de Relações Abusivas, onde se destacam fatores como o medo, a dependência emocional e o estigma social; (7) Pressão Social e Cultura Popular, que aborda a influência dos pares, das redes sociais e da romantização mediática de comportamentos possessivos; (8) Serviços e Estratégias de Prevenção, que contempla o conhecimento das entidades de apoio e as ações educativas e de sensibilização; e (9) Violência no Namoro em Contexto Escolar e Digital, que reúne perceções e experiências em meio escolar, bem como novas dinâmicas de controlo e exposição através das tecnologias digitais. Com o objetivo de facilitar a leitura e a compreensão dos resultados, estas categorias foram agrupadas em três grandes temas de análise: (1) perceções e

¹ Ver apêndice III

² Ver apêndice IV

manifestações de comportamentos violentos, com especial destaque para os testemunhos dos jovens (categorias 1 a 4); (2) contextualização social do fenómeno da violência (categorias 5 a 7); e (3) respostas e formas de atuação em contexto escolar (categorias 8 e 9).

Em seguida, descrevem-se com maior detalhe os resultados da análise de conteúdo, recorrendo a excertos das entrevistas.

3.1. PERCEÇÕES E MANIFESTAÇÕES DE COMPORTAMENTOS VIOLENTOS

Um dos objetivos da investigação era compreender a perceção dos alunos sobre a violência no namoro. Assim, a primeira categoria de análise designa-se Perceções da Violência no Namoro, que, por sua vez, se subdivide em duas: Conceção de Violência no Namoro e Tipos de Violência no Namoro. O intuito era perceber o modo como jovens e profissionais interpretam e conceptualizam a violência nas relações amorosas, identificar diferenças na perceção dos comportamentos abusivos e as suas múltiplas formas.

Os jovens entrevistados definiram a violência no namoro como um conjunto de comportamentos abusivos e de controlo exercidos por um dos parceiros sobre o outro, abrangendo não apenas agressão física, mas também abuso psicológico, emocional, sexual e digital. Os jovens destacaram ainda que a violência pode variar, desde o controlo excessivo até agressões físicas diretas. Um dos jovens referiu, por exemplo, que é quando “uma das pessoas começa a controlar, magoar ou fazer mal à outra” (E1 – Jovens). Outro sublinha que “é algo inaceitável, pois são atos que não garantem a segurança do parceiro” (E3 – Jovens). Outro jovem diz também que: “pode ser violência física, violência emocional, e até violência psicológica” (E9 – Jovens).

Os agentes escolares entrevistados partilham esta forma de entender a violência, ampliando-a para incluir qualquer comportamento abusivo no contexto afetivo, com ênfase na dinâmica de poder e controlo. Um dos agentes escolares entrevistados refere que a violência remete para “qualquer comportamento abusivo que ocorra numa relação afetiva entre jovens” (E5 – Agente Escolar). Já outro a define como “um comportamento que se manifesta nas relações afetivas, em que uma das pessoas exerce poder e controlo sobre a outra através de diversas formas” (E4 – Agente Escolar). A violência física, psicológica e verbal foi identificada como as formas mais visíveis, com impacto direto na

saúde emocional dos envolvidos, como afirma um dos agentes entrevistados: “é qualquer forma de comportamento abusivo, seja físico, psicológico, sexual ou moral, que uma pessoa exerce sobre a outra no contexto de um relacionamento afetivo” (E8 – Agente Escolar).

Embora a violência sexual tenha sido referida com menos frequência, foi claramente associada à violação do consentimento, refletindo a valorização do respeito mútuo entre os parceiros. Um jovem afirma que: “forçar ou pressionar o parceiro a ter relações sexuais sem consentimento” (E7 – Jovens).

Novas formas de violência, como a digital e a social, surgem também como dinâmicas relevantes, especialmente entre jovens que vivem em contextos fortemente mediados pela tecnologia. A violência digital, como o controle nas redes sociais e a invasão de privacidade, foi destacada como uma manifestação crescente de abuso. Um jovem refere que: “mandar a pessoa não falar com amigos, ou espiar o telemóvel dela” (E8 – Jovens). A violência social e económica, como o isolamento e o controle financeiro, também foram reconhecidas: “qualquer ato sexual forçado, sem consentimento; uso de tecnologias, como redes sociais, mensagens ou aplicações, para controlar; controlar dinheiro ou gastos; tentativa de isolar a pessoa de amigos” (E8 – Agente Escolar).

Esta multiplicidade de manifestações de violência reflete a complexidade do fenómeno nas relações afetivas contemporâneas, nas quais comportamentos de controle e limitação da liberdade estão cada vez mais entrelaçados com as novas tecnologias e as dinâmicas sociais.

Outro dos objetivos do trabalho consistia em compreender as Diferenças de Género na Violência no Namoro, em particular, entender se rapazes e raparigas legitimam e toleram a violência no namoro de formas distintas. Esta categoria de análise subdivide-se ainda na subcategoria Perceções sobre Papéis e Comportamentos de Género, em que se analisam de que modo os estereótipos de género influenciam a perceção e a vivência da violência entre os jovens.

Os jovens consideram que as raparigas são geralmente mais conscientes dos sinais de abuso, especialmente emocional e psicológico, devido ao maior acesso à informação e à maior aceitação social de que as mulheres possam ser vítimas. No entanto, enfrentam uma maior exposição à violência física e psicológica, muitas vezes relacionada com

desigualdades de gênero, e podem sentir medo de denunciar (E1; E7 - Jovens). Por outro lado, os rapazes demonstram maior dificuldade em reconhecer abusos emocionais ou psicológicos, devido aos estereótipos de masculinidade que os pressionam a ser fortes e resilientes. Esta situação dificulta a procura de ajuda, uma vez que podem sentir vergonha ou medo de serem vistos como fracos (E1; E2 – Jovens).

Um dos agentes escolares entrevistados destaca que as raparigas tendem a identificar com mais facilidade os comportamentos agressivos no namoro e são mais vulneráveis a eles: “geralmente, as raparigas tendem a identificar mais rapidamente comportamentos abusivos” (E1 – Agente Escolar). No entanto, muitas vezes confundem o controlo com uma demonstração de afeto, como refere um dos agentes escolares entrevistados. As raparigas experienciam a violência de forma mais abrangente, incluindo abusos psicológicos, físicos e sexuais, e com maior frequência e intensidade (E8 – Agente Escolar).

Os rapazes, embora menos frequentemente vítimas de violência física, tendem a subestimar ou minimizar abusos emocionais e psicológicos, devido às normas culturais que associam a masculinidade à força e à invulnerabilidade. Isso dificulta o reconhecimento da violência e a busca de apoio: “os rapazes tendem a subestimar ou minimizar as situações de violência que enfrentam, sobretudo nos domínios psicológico e emocional. Tal comportamento está frequentemente associado às normas sociais e culturais que promovem a ideia de masculinidade como sinónimo de força e invulnerabilidade, dificultando a expressão de vulnerabilidade e a procura de apoio” (E8 – Profissionais).

A categoria Fatores que Contribuem para o Surgimento da Violência enquadra-se no objetivo de investigação: compreender quais os fatores que, do ponto de vista dos alunos, estão na origem das agressões.

Os agentes escolares entrevistados identificaram diversos fatores que contribuem para comportamentos violentos nas relações de namoro, sendo muitos deles interconectados. O ciúme é um dos principais gatilhos, podendo levar a comportamentos de controlo, possessividade e vigilância. Como afirma um dos agentes escolares entrevistados: “o ciúme descontrolado pode levar a comportamentos de vigilância, controlo e

possessividade, frequentemente antecedendo ou acompanhando episódios de violência” (E8 – Agente Escolar).

A necessidade de controlo e o desejo de dominar o parceiro também são centrais na violência afetiva, restringindo a liberdade e autonomia do outro. As redes sociais amplificam esses comportamentos, facilitando a vigilância e expondo os envolvidos a chantagens ou humilhações públicas, ao registar digitalmente ações, palavras e publicações, o que pode aumentar a tensão e o conflito na relação (E7; E8 – Agentes Escolares)

Experiências em contextos familiares desequilibrados ou a vivência de violência na infância podem normalizar comportamentos agressivos e influenciar negativamente as relações futuras, como refere um dos agentes escolares entrevistados: “é comum que jovens que crescem em contextos familiares com violência ou modelos de relações desequilibradas reproduzam essas dinâmicas” (E5 – Agente Escolar). Outro agente acrescenta que “experiências de violência, negligência ou maus-tratos em ambientes familiares durante a infância ou adolescência podem normalizar comportamentos agressivos e afetar negativamente as relações futuras” (E8 – Agente Escolar).

Um dos agentes escolares entrevistados realça ainda que a falta de competências emocionais, como a gestão da frustração e a empatia, também agrava os comportamentos violentos: “a falta de competências emocionais, como a gestão da frustração ou a empatia, pode levar a respostas agressivas” (E5 – Agente Escolar). O mesmo agente acrescenta que o consumo de substâncias é também um gatilho para o agravamento desses comportamentos violentos: “o abuso de álcool e outras drogas pode exacerbar comportamentos agressivos” (E5 – Agente Escolar).

Por fim, os estereótipos de género reforçam atitudes abusivas, especialmente em idades mais avançadas, como indica um dos agentes escolares entrevistados: “estereótipos de género e, em idades mais avançadas (...) podem potenciar atitudes abusivas” (E5 – Agente Escolar). A conjugação destes fatores cria um ambiente propício para o surgimento da violência no namoro.

Um dos objetivos da investigação era também compreender a percepção dos alunos sobre a violência no namoro. Assim, a primeira categoria de análise designa-se Percepções da Violência no Namoro, que, por sua vez, se subdivide em duas: Conceção de Violência no Namoro e Tipos de Violência no Namoro. O intuito era perceber o modo como jovens e profissionais interpretam e conceptualizam a violência nas relações amorosas, identificar diferenças na percepção dos comportamentos abusivos e as suas múltiplas formas.

Outro dos objetivos da investigação era compreender se os alunos conseguem identificar os diferentes tipos de violência no namoro. Desta forma, a terceira categoria de análise denomina-se Sinais de Namoro Abusivo, que visa perceber se os jovens e os profissionais são capazes de reconhecer indicadores de um namoro abusivo.

Os resultados evidenciam que, tanto os jovens como os profissionais, destacam o controlo excessivo como um dos sinais mais comuns, incluindo tentativas de controlar ações, comportamentos e até a aparência do parceiro. Como refere o jovem entrevistado: “querer controlar onde a outra pessoa vai, com quem fala ou o que faz” (E3 – Jovens), e como menciona o agente escolar entrevistado: “monitoriza constantemente as suas atividades e comunicações” (E8 – Agente Escolar).

O ciúme exagerado surge igualmente como um sinal precoce de abuso, sendo frequentemente referido pelos jovens como um comportamento excessivo ou doentio (E4; E9-Jovens).

Os jovens e os agentes escolares indicaram que a agressão verbal, que inclui insultos, chantagens emocionais e humilhações, é identificada como uma forma recorrente de abuso psicológico. Os jovens exemplificam criticando “a aparência, a maneira de ser ou agir” (E7 – Jovens), enquanto os profissionais destacam insultos, críticas constantes e humilhações que diminuem “a confiança e o bem-estar da pessoa” (E8 – Agente Escolar).

O isolamento social também constitui um sinal de abuso, quando o agressor procura afastar a vítima de amigos e familiares. Um dos jovens entrevistados relatou que o agressor pode “impedir que a pessoa fale com amigos ou familiares” (E7 – Jovens), e outro dos agentes escolar destaca que “o casal se isola, deixando de contactar amigos/colegas” (E5 – Agente Escolar).

Embora mencionadas com menor frequência, as agressões físicas e a pressão para relações sexuais sem consentimento são reconhecidas como formas graves de violência. Os jovens apontam que ocorrem “empurrões, apertões ou qualquer tipo de agressão física” (E1 – Jovens), e os agentes escolares referem “episódios de empurrões, bofetadas, socos, pontapés ou qualquer forma de agressão corporal” (E8 – Agente Escolar).

3.2. CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIAL DO FENÓMENO DA VIOLÊNCIA

Nesta investigação pretendia-se compreender se os alunos conseguem identificar os diferentes tipos de violência no namoro. Assim, uma das categorias de análise designa-se Reconhecimento e Normalização da Violência, que, por sua vez, se subdivide na subcategoria: Capacidade de Reconhecer Sinais e Padrões Abusivos. O objetivo era perceber o como a violência é interpretada pelos jovens e como, muitas vezes, é tratada ou aceite pela comunidade escolar/sociedade.

Os jovens enfrentam dificuldades em identificar comportamentos abusivos nas relações de namoro, uma vez que muitos desses comportamentos são interpretados como manifestações de amor ou proteção. Alguns jovens entrevistados destacam que “muitos jovens não reconhecem certos comportamentos como violentos porque estão normalizados no dia a dia” (E1 – Jovens), e que “muitos jovens não sabem o que é uma relação saudável, nem foram ensinados a identificar os sinais de abuso. Algumas atitudes como ciúmes, controlo ou chantagem emocional ainda são vistas como ‘provas de amor’” (E7 – Jovens).

O envolvimento emocional dificulta, frequentemente, o reconhecimento de comportamentos abusivos. Os jovens relatam que, devido ao envolvimento afetivo, nem sempre conseguem identificar certos comportamentos como abusivos, chegando muitas vezes a confundí-los com demonstrações de amor ou proteção (E3; E4 - Jovens). Para muitos, a perceção da violência só se concretiza tardiamente, após reflexão ou distanciamento emocional.

Alguns jovens enfrentam dificuldades mais profundas em reconhecer sinais de abuso, respondendo simplesmente “não” quando questionados sobre a sua capacidade de

identificar a violência nas relações (E2-Jovens; E5 – Jovens). Outros confirmam reconhecer a violência, mas associam essa percepção sobretudo à preocupação com a prevalência do fenômeno: “sim, infelizmente” (E6 – Jovens).

A normalização da violência é também destacada pelos jovens, que afirmam que “cada vez mais é praticada não só entre os jovens, mas também em outros contextos” (E5 – Jovens) e que “infelizmente, a violência no namoro é uma realidade bastante comum entre os jovens, mais do que muitas pessoas imaginam” (E7 – Jovens). Relatos como “já ouvi falar de alguns casos” (E8 – Jovens) evidenciam que a violência no namoro constitui uma experiência recorrente para muitos, refletindo a ausência de uma percepção crítica sobre comportamentos abusivos e indicando que a violência se tornou parte normalizada das relações afetivas.

Outro dos objetivos de investigação era compreender a postura dos alunos em situações de violência no namoro. Neste contexto, a categoria Barreiras à Rutura de Relações Abusivas visa analisar os fatores que dificultam a rutura dessas relações.

O medo é frequentemente apontado como um dos maiores obstáculos, com as vítimas receosas de solidão ou de represálias. Alguns jovens entrevistados relatam sentir “medo de ficarem sozinhas, podem sentir medo de não encontrarem outra pessoa” (E1 – Jovens), enquanto os agentes escolares destacam que o “receio de represálias físicas, emocionais ou sociais pode inibir a vítima de romper a relação” (E8 – Agente Escolar).

A dependência emocional e financeira constitui outra barreira relevante. Um jovem observa que a pessoa pode “estar emocionalmente dependente da outra, ou então não tem forma de se sustentar sem a outra” (E3 – Jovens), enquanto um agente escolar acrescenta que a “falta de autonomia financeira limita as opções da vítima” (E8 – Agente Escolar).

A pressão social e o estigma cultural dificultam igualmente a rutura, com os jovens a relatar o receio de julgamento, como quando um deles afirma que a pessoa “pode só ter vergonha de dizer que é vítima de violência no namoro” (E3 – Jovens). Os agentes escolares, por sua vez, referem que há “medo, se calhar, do que a sociedade vai falar” (E1 – Agente Escolar).

A violência psicológica leva à diminuição da autoestima, contribuindo para a permanência no relacionamento abusivo. Um jovem observa que provoca “baixa

autoestima” (E4 – Jovens), e um agente escolar acrescenta que “a violência psicológica e o desgaste emocional podem levar a uma diminuição da autoconfiança, fazendo com que a vítima se sinta incapaz de viver sem o agressor” (E8 – Agente Escolar).

A expectativa de mudança do agressor perpetua o ciclo de abuso. Um jovem descreve o “ciclo de abuso e reconciliação, o agressor pede desculpa, promete mudar e mostra-se carinhoso durante um período, contudo passado uns tempos volta às agressões” (E1 – Jovens), e um agente escolar refere que “mesmo em idade jovem, é comum a ideia de que ‘ele/ela vai mudar’” (E4 – Agente Escolar).

Por fim, a falta de percepção do abuso dificulta a identificação dos sinais de violência. Um jovem afirma que “muitas pessoas não reconhecem sinais de abuso porque nunca foram ensinadas a identificar comportamentos prejudiciais” (E1 – Jovens), e um agente escolar acrescenta que há “falta de percepção que estão a ser abusadas (...) pensar-se que a relação poderá ser normal” (E7 – Agente Escolar).

Estes fatores, interligados, dificultam a saída do ciclo de violência e contribuem para a permanência das vítimas em relações abusivas.

Já com a categoria Pressão Social e Cultura Popular pretendeu-se analisar de que forma os fatores sociais, culturais e pressões externas influenciam a postura dos jovens perante a violência no namoro. Esta categoria subdivide-se em Pressões Externas e Normas Socioculturais sobre o Relacionamento Amoroso, que evidencia a influência das expectativas sociais sobre a manutenção dos relacionamentos.

Os jovens experienciam uma intensa pressão para manter relações, sobretudo mediada pelas redes sociais e pelo círculo de amizades. A imagem do “casal perfeito” torna-se uma meta social valorizada, criando expectativas que muitas vezes dificultam a percepção de abusos ou comportamentos prejudiciais. Um jovem indica que “especialmente por parte das redes sociais ou dos pares, que valorizam a imagem do 'casal perfeito’” (E4 – Jovens), e outro acrescenta que existe o “medo do que os outros vão pensar” (E9 – Jovens).

A cultura popular, transmitida através de filmes e séries, contribui também para a normalização e até romantização de comportamentos tóxicos e possessivos, criando uma visão distorcida do que é um relacionamento saudável. Os jovens destacam como essa influência pode ser confusa, como quando um deles afirma que “nos filmes, às vezes,

mostram que ciúmes é amor, e isso é confuso” (E8 – Jovens) e outro ainda menciona que “a cultura popular pode criar ideias erradas sobre o que é amor, romantizando comportamentos possessivos ou tóxicos” (E4 – Jovens).

Estas pressões externas dificultam o reconhecimento da violência no namoro e favorecem a perpetuação de relações abusivas, especialmente quando os jovens não desenvolvem uma postura crítica face às representações sociais e mediáticas do amor e dos relacionamentos.

3.3. RESPOSTAS E FORMAS DE ATUAÇÃO EM CONTEXTO ESCOLAR

Nesta investigação, outro dos temas em análise era compreender o papel da escola na prevenção da violência no namoro. Nesse sentido, a categoria de análise denominada Serviços e Estratégias de Prevenção, subdivide-se em duas subcategorias: 1) Conhecimento Geral sobre Entidades de Apoio e 2) Ações Educativas e de Sensibilização. O objetivo era analisar as atitudes, reações e comportamentos de alunos e profissionais, bem como identificar práticas educativas que contribuam para a prevenção e o combate a estes fenómenos.

No que concerne ao Conhecimento geral sobre entidades de apoio, os entrevistados revelam alguma familiaridade com serviços como a Linha Nacional de Apoio à Vítima e a APAV. Contudo, surgem perceções ambivalentes relativamente à acessibilidade e eficácia destes recursos. Vários agentes escolares consideram que as escolas poderiam assumir um papel mais direto, disponibilizando gabinetes e técnicos especializados (E5 - Agente Escolar; E6 – Agente Escolar). Apesar deste reconhecimento, persiste incerteza quanto à forma de utilização efetiva das linhas de apoio, sendo frequente a preferência por recorrer a figuras de proximidade, como professores, pais ou a polícia. Um jovem ilustra esta posição: “mais ou menos. Acho que se pode falar com professores, pais ou a polícia” (E8-Jovens). Este cenário evidencia uma lacuna entre o conhecimento dos serviços disponíveis e a sua utilização efetiva, influenciada por fatores como estigma ou falta de confiança. Mesmo com iniciativas nacionais, como a campanha “Escola Sem Bullying, Escola Sem Violência”, torna-se evidente a necessidade de reforçar a comunicação e a capacitação em contexto escolar e comunitário.

Relativamente às Ações educativas e de sensibilização, sobressai a relevância de desconstruir estereótipos de género e promover a igualdade como eixos fundamentais da prevenção. Os entrevistados sugerem a implementação de programas educativos que articulem a prevenção da violência com o desenvolvimento de competências socioemocionais. É igualmente salientada a importância da criação de espaços seguros de diálogo, onde os jovens possam partilhar preocupações sem receio de julgamento. Como referem os agentes escolares “espaços de diálogo onde os jovens se sintam seguros para falar sobre as suas relações, medos e preocupações, sem julgamento” (E4-Agente Escolar). Paralelamente, destaca-se a necessidade de formação contínua de professores, auxiliares, assistentes sociais e forças de segurança, capacitando-os para identificar sinais precoces de violência e intervir de forma adequada (E5-Agente Escolar).

A categoria Violência no Namoro em Contexto Escolar e Digital enquadra-se no objetivo de compreender de que forma a comunidade educativa percebe a violência no namoro. Divide-se em duas subcategorias: “Perceção da Violência no Namoro Escolar” e “Violência no Namoro através dos Meios Digitais”.

Na subcategoria Perceção da Violência no Namoro Escolar, a maioria dos jovens reconhece que a violência no namoro pode ocorrer no espaço escolar, considerando a escola como um ambiente central de convivência e desenvolvimento de dinâmicas relacionais. Como afirmam alguns jovens: “sim, a violência no namoro pode acontecer dentro da escola” (E1 – Jovens) e “sim, a violência no namoro pode (e muitas vezes acontece) dentro do espaço escolar” (E7 – Jovens). Esta perceção é confirmada pelos agentes escolares entrevistados, que relatam contactos diretos ou indiretos com situações de violência, incluindo pressões emocionais, comportamentos de controlo e sofrimento psicológico (E4, E5, E6 – Agentes Escolares).

Parte destes contactos ocorre de forma indireta, através da observação de sinais de relações abusivas ou em contextos de sensibilização, como a exibição de filmes sobre violência doméstica (E1, E5, E6-Jovens). Apesar de muitos jovens não terem experienciado diretamente a violência, vários já observaram comportamentos de ciúmes, controlo ou intimidação entre colegas (E6, E8, E9-Jovens). As formas de violência reportadas abrangem dimensões subtis, como a violência psicológica e verbal, agressões físicas e comportamentos de intimidação, destacando-se também a ciberviolência,

caracterizada pelo controlo através de redes sociais e mensagens digitais (E1, E5, E7-Jovens).

Quanto à reação das vítimas, muitas procuram apoio em pessoas de confiança, como professores, psicólogos, assistentes sociais ou amigos, por vezes de forma indireta através de sinais ou pistas (E3, E5, E7- Agentes Escolares), enquanto outras se abstêm de o fazer devido a vergonha, medo, estigma social ou perceção de fraqueza, receando repercussões negativas ou a ineficácia dos recursos de apoio (E1, E2, E3, E4, E5, E6, E8-Agentes Escolares). As respostas da comunidade escolar são heterogéneas: alguns colegas alertam ou prestam apoio, enquanto outros não sabem como reagir, e entre os professores e membros da escola verifica-se tanto intervenção adequada como ignorância ou incompreensão das situações (E1, E2, E3, E4, E5, E7, E9-Jovens). A preparação da comunidade educativa para lidar com estas situações é, na generalidade, considerada insuficiente, evidenciando a necessidade de estratégias de prevenção, sensibilização e intervenção mais eficazes.

No que toca o fenómeno da “Violência no Namoro através dos Meios Digitais”, observa-se que a violência digital é percebida pelos jovens como um fenómeno recorrente, em que redes sociais e outras tecnologias são utilizadas como ferramentas de controlo e vigilância nas relações amorosas. De entre os comportamentos identificados, destaca-se a monitorização das interações online do parceiro, pedidos de senhas e investigação das mensagens: “Sim, pode acontecer muito” (E6 – Jovens); “ver com quem a pessoa fala, pedir senhas e espiar tudo” (E8 – Jovens). Alguns entrevistados presenciaram ou tiveram conhecimento de situações em que um parceiro exigiu acesso a senhas, enquanto outros não tiveram contacto com este tipo de comportamento (E1, E2, E4, E8 – Jovens).

A opinião de muitos indica que a confiança e o respeito pela privacidade são fundamentais, devendo qualquer acesso ser consensual, sendo a exigência de senhas frequentemente interpretada como sinal de desconfiança ou agressão. Adicionalmente, os jovens consideram prejudicial a exposição pública de detalhes íntimos da relação nas redes sociais, defendendo que a privacidade e a autenticidade do vínculo são mais importantes do que a validação externa, uma vez que a partilha excessiva pode gerar falsas perceções da relação ou provocar conflitos (E1, E3, E4, E6, E8-Jovens). Foram ainda relatados casos de humilhação ou exposição nas redes sociais após o término das relações, embora uma parte significativa dos participantes não tenha presenciado tais situações (E1,

E2, E3, E8-Jovens), evidenciando que, apesar de não ser universal, este comportamento constitui uma forma grave de violência digital que reforça a necessidade de educação, prevenção e intervenção em contextos adolescentes.

4. CAPÍTULO 4 - DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Partindo dos resultados obtidos com a análise dos dados empíricos, pretende-se agora estabelecer uma relação com os objetivos do estudo e também com a literatura existente. A análise realizada a partir dos três grandes temas em análise, acima identificados, revela de que modo estes resultados dialogam com investigações anteriores e permite também identificar contributos específicos e limitações que importa considerar no aprofundamento futuro desta problemática.

4.1. PERCEÇÕES E MANIFESTAÇÕES DE COMPORTAMENTOS VIOLENTOS. A VISÃO DOS JOVENS

Os resultados desta investigação evidenciam que a violência no namoro entre jovens é multifacetada e mediada por fatores emocionais, culturais, sociais e tecnológicos. Jovens e profissionais reconhecem a violência como um conjunto de comportamentos abusivos e de controlo, abrangendo violência física, psicológica, emocional, sexual, digital e social. Verifica-se, assim, uma confirmação das evidências apontadas por Straus (2004) e por Santos e Neves (2020), que destacam a multiplicidade de formas de violência nas relações juvenis, incluindo abuso psicológico e emocional frequentemente naturalizado.

A emergência da violência digital, manifestada através de controlo no uso das redes sociais e invasão de privacidade, reflete a influência das tecnologias contemporâneas na dinâmica do namoro, também destacada em pesquisas recentes sobre violência online entre adolescentes (Caridade & Braga, 2020). Fatores económicos e sociais, como isolamento e controlo financeiro, evidenciam ainda a complexidade do fenómeno, em linha com as ideias de Coker et al. (2002) ao apontarem impactos diretos na saúde emocional das vítimas.

Neste trabalho, apesar do número restrito de jovens entrevistados, compreendemos que as percepções da violência e do modo como esta é praticada diferem segundo o gênero. Assim, as raparigas tendem a reconhecer mais facilmente comportamentos abusivos, e demonstram ser mais vulneráveis a experiências de violência física, psicológica e sexual. Os rapazes enfrentam maiores dificuldades em identificar abusos emocionais e psicológicos devido às normas culturais que associam masculinidade à força e invulnerabilidade. Estas diferenças foram sublinhadas, designadamente, nos trabalhos de Wood (2001) e Johnson e Ferraro (2000) sobre a influência de estereótipos de gênero nas percepções e na expressão de vulnerabilidade.

Os fatores que contribuem para o surgimento da violência incluem: ciúme, necessidade de controlo, experiências familiares de violência, consumo de substâncias, falta de competências emocionais e estereótipos de gênero. Estes fatores alinham-se com o modelo ecológico de violência afetiva (Bronfenbrenner, 1979; Matos & Gonçalves, 2019) e com pesquisas que identificam comportamentos como a possessividade e a vigilância como precursores de abuso (Fernández-González et al., 2018). Experiências de violência na infância ou em contextos familiares desequilibrados reforçam padrões de comportamento agressivo, confirmando o efeito da socialização sobre a reprodução da violência nas relações afetivas (Matos & Gonçalves, 2019; Coker et al., 2002).

No nosso estudo, sinais de namoro abusivo - como controlo excessivo, ciúme exagerado, agressão verbal, isolamento social e violência física - foram identificados tanto por jovens como por profissionais, corroborando algumas das ideias identificadas na literatura (Straus, 2004; Oliveira & Sani, 2008), sublinhando assim a importância da identificação precoce para prevenção e intervenção.

Estas descobertas reforçam a necessidade de programas educativos que promovam literacia emocional, consciência crítica sobre relações saudáveis, sensibilização para os efeitos das normas de gênero e capacitação para a identificação e prevenção de comportamentos abusivos.

4.2. CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIAL DO FENÓMENO DA VIOLÊNCIA

Os resultados desta investigação evidenciam a complexidade do fenómeno da violência no namoro entre jovens, revelando não apenas a dificuldade em reconhecer

comportamentos abusivos, mas também os fatores que contribuem para a sua normalização e perpetuação. Muitos jovens não identificam determinados comportamentos abusivos em relações de namoro, interpretando-os como demonstrações de amor ou proteção, o que vai ao encontro dos resultados de Santos e Neves (2020). Estes autores destacam a normalização de práticas como ciúmes, controlo e chantagem emocional, que, frequentemente, são entendidas como “provas de afeto”.

De modo semelhante, Straus (2004) sugere que a violência psicológica tende a ser invisibilizada e legitimada em contextos de relações juvenis, onde a idealização romântica é predominante. O envolvimento emocional relatado pelos jovens entrevistados como barreira ao reconhecimento vai ao encontro do que Oliveira e Sani (2008) designam “invisibilidade emocional”, em que a percepção crítica da violência só emerge após distanciamento afetivo. Verifica-se, assim, que a naturalização cultural e relacional dificulta o reconhecimento precoce da violência, perpetuando a sua aceitação social.

Fatores como medo, dependência emocional e financeira, pressão social e diminuição da autoestima influenciam a permanência em relações violentas, alinhando-se com o modelo do ciclo da violência proposto por Walker (1979). Neste modelo, a oscilação entre fases de abuso e reconciliação reforça a expectativa de mudança do agressor. A dependência emocional referida por vários jovens encontra suporte nos estudos de Matos e Gonçalves (2019), que apontam a vulnerabilidade afetiva como barreira central à rutura em idades jovens, enquanto Coker et al. (2002) destacam que a baixa autoestima e a diminuição da autoconfiança limitam a percepção de alternativas fora da relação.

Além disso, a pressão social e o medo do estigma, apontados tanto por jovens como por profissionais, confirmam que os contextos socioculturais contribuem para a manutenção do abuso (Machado, Caridade & Martins, 2020). As representações mediáticas e as expectativas sociais moldam ainda a percepção do namoro entre jovens, sendo que as redes sociais, ao reforçarem a imagem do “casal perfeito”, criam uma pressão que muitas vezes mascara comportamentos abusivos, confirmando as observações de Ferreira e Mota (2016). A romantização de comportamentos possessivos e tóxicos em filmes e séries, destacada pelos entrevistados, está em consonância com os estudos de Wood (2001), autor que denuncia a normalização da violência nas narrativas amorosas da cultura popular. Por seu lado, Johnson e Ferraro (2000) reforçam que as normas culturais

estruturam a perpetuação da violência íntima, ao atribuírem valores de romantismo e dedicação a comportamentos de controle e posse.

No seu conjunto, os resultados do trabalho evidenciam que a violência no namoro juvenil é fortemente marcada pela normalização cultural, por barreiras emocionais e estruturais à rutura e pela influência das representações sociais. Todos estes elementos apontam para a necessidade de programas de prevenção que articulem não apenas informação sobre violência, mas também desenvolvimento de competências socio emocionais, fortalecimento da autoestima e literacia crítica relativamente às representações sociais e mediáticas das relações amorosas.

4.3. RESPOSTAS E FORMAS DE ATUAÇÃO EM CONTEXTO ESCOLAR

Com base no trabalho empírico realizado, percebe-se que a violência no namoro ocorre, tanto em contextos escolares quanto através de meios digitais, refletindo as múltiplas dimensões do fenómeno nas relações juvenis contemporâneas. A escola é percebida como um ambiente central para o desenvolvimento de relações afetivas e, simultaneamente, um espaço onde podem emergir comportamentos abusivos, com jovens a relatar situações de ciúmes, controle, intimidação e violência psicológica entre colegas, ainda que muitos não experienciem diretamente tais comportamentos. Estas ideias podem também ser encontradas em estudos realizados por autores como Crooks et al. (2019) ou Matos et al. (2012) que sublinham a importância do contexto escolar enquanto espaço para prevenção e deteção precoce de violência no namoro.

Alguns jovens vítimas de violência considerem que encontram apoio em professores, psicólogos ou amigos. Contudo, muitos permanecem silenciosos devido a vergonha, medo do estigma social ou receio de repercussões.

No “mundo digital”, os jovens entrevistados identificam comportamentos de monitorização, exigência de senhas e exposição pública de detalhes íntimos como formas recorrentes e potencialmente prejudiciais de violência. Para todos existe a percepção de que tais práticas constituem agressão, o que comprova a importância da educação digital e da literacia sobre relações saudáveis em ambientes online. Estas descobertas estão em consonância com as conclusões de Caridade & Braga. (2020) e Stonard et al. (2014), que apontam a violência digital como extensão das dinâmicas de controle presentes em

relações afetivas juvenis. Este tipo de violência é facilitada pelo acesso contínuo a redes sociais e aplicativos de comunicação, com a exposição pública de detalhes íntimos após o término da relação revelando uma dimensão de humilhação e violência social que afeta a reputação e o bem-estar emocional dos jovens.

De forma geral, os resultados do nosso trabalho indicam que a violência no namoro em contextos escolares e digitais está profundamente ligada a dinâmicas de poder, controle e vigilância, exigindo-se estratégias preventivas que integrem educação afetivo-sexual, o desenvolvimento de competências socio emocionais e de literacia digital. Paralelamente, a preparação da comunidade educativa necessita de ser fortalecida através de políticas claras, formação contínua e criação de espaços seguros para promover o diálogo, permitindo identificar sinais precoces de abuso e oferecer apoio efetivo às vítimas.

CONCLUSÕES

A presente investigação teve como tema central a violência no namoro em contexto escolar. Este é um tema considerado atual e de grande importância, tanto pelas alterações existentes durante as últimas décadas, como pelo crescer de casos existentes. As mudanças observadas compreendem o surgimento de novas formas de violência, como a violência digital, e a crescente rejeição social e legal da violência no namoro, hoje reconhecida como crime público.

Com esta investigação foi também possível observar de que forma é tratada a violência no namoro em contexto escolar, tal como o conhecimento da temática existente. Os alunos demonstraram compreender o conceito e identificar situações de violência em relações alheias, mas revelaram maiores dificuldades quando confrontados com experiências próprias. Por seu lado, os agentes educativos e de proteção entrevistados reconhecem a gravidade do problema, embora, muitas vezes, optem por não intervir. Isto demonstra a necessidade de maior formação e sensibilização. O espaço escolar, pela sua proximidade com os jovens, é um contexto privilegiado de excelência para a sensibilização, prevenção e intervenção. Apesar de já existirem no nosso país exemplos de boas práticas e de, em muitas escolas, estes fenómenos serem debatidos por parte dos educadores e outros membros da comunidade educativa, importa aprofundar e reforçar, não só, as respostas perante os respetivos impactos, mas também os meios de prevenção e escuta atenta.

Reconhecem-se ainda as limitações do estudo, sobretudo no que respeita ao facto de se ter centrado num único território localizado na região centro de Portugal, sem articulação direta com o agrupamento escolar, pelo que não é adequado generalizar os resultados da análise para outros contextos. Futuramente, será importante alargar este tipo de estudos a outros contextos educativos e explorar de forma mais aprofundada fenómenos emergentes como a violência digital, que constituem um dos principais desafios à intervenção social nestas matérias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APAV. (2020). *Folha Formativa Violência no Namoro*. https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/FolhaInformativa_VNamoro_2020.pdf
- Araújo, H. (2013). *Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes ao comportamento abusivo*. Dissertação de Mestrado Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/3934>
- Arriaga, B & Foshee, A. (2004). Adolescent dating violence: Do adolescents follow in their friends', or their parents', footsteps? *Journal of Interpersonal Violence*, 19(2), 162-184. <https://doi.org/10.1177/0886260503260247>
- Assembleia da República. (1991). *Lei n.º 61/91, de 13 de agosto: Lei de proteção às mulheres vítimas de violência*. Diário da República, I Série-A, n.º 186.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (4.ª ed.). Edições 70.
- Barroso, P. (2019). *A violência no namoro: Análise da intervenção e prevenção nas escolas*. Edições Universitárias.
- Bloom, L. (2022). Martin Bloom and primary prevention. *Research on Social Work Practice*, 32(6), 722-726. <https://doi.org/10.1177/10497315221108148>
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press.
- Buzy, W. et al., (2004). Adolescent girls' alcohol use as a risk factor for relationship violence. *Journal of Research on Adolescence*, 14(4), 449-470. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2004.00082.x>
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4(24), 485-493.
- Caridade, S. (2008). *Violência nas relações de intimidade: Comportamentos e atitudes dos jovens*. Tese de Doutoramento Universidade do Minho. Braga.

Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas. Uma abordagem científica*. Coimbra: Almedina.

Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1). <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i1.244>

Caridade, S., Pereira, R., & Soeiro, C. (2018). O papel da escola no controlo da violência no namoro: perceções dos agentes educativos. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, (18), 111-133. <https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2018.3456>

Caridade, S., & Braga, T. (2020). Cyber dating abuse in adolescent relationships: A systematic review and meta-analysis. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 14(2). <https://doi.org/10.5817/CP2020-2-3>

Caridade, S., Braga, T., & Borrajo, E. (2020). Cyber and Offline Dating Abuse in a Portuguese Sample: Prevalence and Relationship with Attachment Styles. *Behavioral Sciences*, 10(10), 152. <https://doi.org/10.3390/bs10100152>

Coker, A. L., Smith, P. H., McKeown, R. E., & King, M. J. (2002). Frequency and correlates of intimate partner violence by type: Physical, sexual, and psychological battering. *American Journal of Public Health*, 92(4), 566–572. <https://doi.org/10.2105/AJPH.92.4.566>

Close, S. (2005). Dating violence prevention in middle school and high school youth. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 18(1), 2-9.

Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2017). *Research Methods in Education* (8th ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315456539>

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. (2009). *Violência doméstica: Compreender para Intervir*, Guia de Boas Práticas para Profissionais de Instituições de Apoio a Vítimas.

Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2019). *Guião para a prevenção da violência no namoro em contexto universitário*. CIG.

Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2020). *Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018–2030 — Portugal + Igual: Relatório de execução*. CIG. <https://www.cig.gov.pt/estrategia-nacional-para-a-igualdade-e-a-nao-discriminacao-2018-2030-portugal-igual/>

Connell, W. (2005). *Masculinities* (2nd ed.). Polity Press.

Convenção de Istambul. (s.d.). *Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres*. <https://rm.coe.int/168046253d>

Cordeiro, B. (2024). *Mediação Intercultural em Contexto Escolar: Campos de possibilidade para uma gestão positiva de tensões e conflitos*. <http://hdl.handle.net/10400.8/10411>

Costa, C. (2012). *A violência doméstica: realidade portuguesa no contexto europeu*. Estudo Geral – Repositório científico da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/47726>

Crooks, C., Jaffe, P., Hughes, R., & Baker, L. (2019). Preventing dating violence: Perspectives from youth and educators. *Journal of Adolescent Health*, 64(2), 123–130. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2018.08.011>

Dias, I. (2008). *Violência doméstica: uma abordagem sociológica*. Imprensa de Ciências Sociais.

Duarte, M. (2011). Violência doméstica e sua criminalização em Portugal: obstáculos à aplicação da lei. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 93, 131–152. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/89243>

Félix, D. (2012). *Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: Um estudo exploratório*. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/6891>

Fernández-González, L., Calvete, E., & Fernández-González, M. (2018). Predictors of adolescent dating violence: The role of jealousy, control, and attachment. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(20), 3199–3223. <https://doi.org/10.1177/0886260516660970>

Ferrer, W. et al. (2023). *Manual prático de metodologia da pesquisa científica: noções básicas*. Unimar.

Ferreira, M., & Mota, C. (2016). Influência das normas socioculturais na percepção de violência entre jovens. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 50(1), 23–38.

Gratton, C., & Jones, I. (2004). *Research methods for sport studies*. Routledge. https://repository.bbg.ac.id/bitstream/575/1/Research_Methods_for_Sports_Studies.pdf

Group of Experts on Action against Violence against Women and Domestic Violence. (2022). *Fourth general report on GREVIO's activities*. Council of Europe. <https://rm.coe.int/4th-general-report-on-grevio-s-activities/1680aca199>

Guerreiro, A. et al. (2015). Intimidade e violência no namoro: Refletir a problemática nos/as jovens. In P. Casaleiro & P. Branco (Orgs.), *Atas do Colóquio Internacional @s jovens e o crime – transgressões e justiça tutelar* (pp. 14–26). Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. https://www.ces.uc.pt/publicacoes/cescontexto/ficheiros/cescontexto_debates_x.pdf

Hammersley, M., (2023), The history of qualitative research in education. In: Robert J.; Rizvi, Fazal & Erkican, Kadriye (Orgs.), *International Encyclopedia of Education* (Fourth Edition). Elsevier, pp. 14–23. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-818630-5.11002-4>

Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2021). Digital Dating Abuse Among a National Sample of U.S. Youth. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(13–14). <https://doi.org/10.1177/0886260519897344>

Instituto Nacional de Estatística (INE), & Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). (2023). *Violência doméstica e de género em Portugal: Resultados do inquérito nacional*. <https://www.ine.pt/xurl/pub/ine-apav-relatorio-2023>

Johnson, M. P., & Ferraro, K. J. (2000). Research on domestic violence in the 1990s: Making distinctions. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 948–963. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00948.x>

- Johannesen, M., & LoGiudice, D. (2013). Elder abuse: A systematic review of risk factors in community-dwelling elders. *Age and Ageing*, 42(3), 292–298. <https://doi.org/10.1093/ageing/afs195>
- Lichter, E. & McCloskey, L. (2004). The effects of childhood exposure to marital violence on adolescent gender-role beliefs and dating violence. *Psychology of Women Quarterly*, 28(4), 344–357. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2004.00151.x>
- Lunetta, A., & Guerra, R. (2023). Metodologia da pesquisa científica e acadêmica. *Revista OWL (OWL Journal) -Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação*, 1(2), 149-159. <https://zenodo.org/records/8240361>
- Machado, A., Caridade, S., & Martins, P. (2020). Contextos socioculturais e violência no namoro juvenil: Barreiras à rutura de relações abusivas. *Psicologia & Sociedade*, 32. <https://doi.org/10.1590/0102.7182e195678>
- Malherbe I, *et al.* (2023) Teen Dating Violence and Mental Health: a Review. *Psychiatria Danubina*. 155–164. https://www.psychiatria-danubina.com/UserDocsImages/pdf/dnb_vol35_noSuppl%202/dnb_vol35_noSuppl%202_155.pdf
- Martins, C., & Rodrigues, M. (2022). A problemática da violência no namoro: a perspetiva de adolescentes do concelho de Cascais. *Revista Temas Sociais*, (2), 135–149.
- Matos, M., & Gonçalves, R. (2019). Vulnerabilidade afetiva e dependência emocional em jovens: Implicações para a permanência em relações abusivas. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 20(2), 345–360.
- Matos, M., Matos, P., & Cruz, A. (2012). Violência no namoro em contextos escolares: Perspetivas de jovens e profissionais. *Revista Portuguesa de Educação*, 25(1), 45–66.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). *Violência, Bullying e Delinquência* (1ª ed.). Coisas de Ler Edições.

Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). *Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar*. Braga: Universidade do Minho.

Minayo, M. (2010). *Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª ed. Hucitec, 2010. p. 261- 297.

Montiel, A. *et al* (2025). Longitudinal associations between exposure to physical interparental violence and dating violence in young adulthood: The moderating role of sex, socioeconomic status, and antisociality. *Journal of Interpersonal Violence*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/08862605251318290>

Oliveira, J. (2011). Violência no namoro: Adaptação de um programa de prevenção em jovens universitárias. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior. <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2728/1/disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>

Oliveira, A., et al. (2017). As socializações primária e secundária: quando o indivíduo sai da sua microbolha e se torna produto da sociedade. *Jornal Eletrónico*. <https://www.jornaleletronicofivj.com.br/jefvj/article/download/87/611/1199>

Oliveira, M., & Sani, F. (2008). Invisibilidade emocional e percepção da violência em relações juvenis. *Psicologia em Revista*, 14(2), 55–72.

Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa. (s.d.). Convenção de Istambul dita alterações ao Código Penal. <https://dcjri.ministeriopublico.pt/destaque/convencao-de-istambul-dita-alteracoes-ao-codigo-penal>

Quinones, C., & Navarro, A. (2022). A 10-year (2011–2021) systematic review of teen dating violence prevention programs. *Journal of Injury and Violence Research*, 14(3), 209–224.

https://www.researchgate.net/publication/362251529_Systematic_Review_A_10_year_2011-2021_systematic_review_of_teen_dating_violence_prevention_programs_Teen_Dating_Violence_Systematic_Review_Prevention_Teenagers_Gender-based_violence

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2017). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.

Portugal (1995). *Decreto-Lei n.º 48/95*. Código Penal. Diário da República: I Série A, nº 63. <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/1995-34437675-169645609>

Portugal. (2021). *Lei n.º 57/2021, de 16 de agosto: Alarga a proteção das vítimas de violência doméstica, alterando a Lei n.º 112/2009, de 16 de setembro, o Código Penal e o Código de Processo Penal*. Diário da República, 1.ª série, n.º 158. <https://dre.pt/dre/detalhe/lei/57-2021-169602019>

Portugal, S. (2000). *Violência e género: dimensões sociais e simbólicas*. Almedina.

Rana, K. *et al.* (2023). Qualitative methodology in translational health research: Current practices and future directions. *Healthcare*, 11(19), 2665. <https://doi.org/10.3390/healthcare11192665>

Santos, C. & Andrade, M. (2018). *A naturalização da violência de género na contemporaneidade*. <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/23228/16345>

Santos, L., & Neves, C. (2020). Ciúmes, controlo e chantagem emocional: Normalização da violência em relações de namoro entre jovens. *Revista de Estudos da Juventude*, 128, 45–62.

Santos, S. *et al.* (2019). Violência nas relações íntimas juvenis: (Des)ajustamento psicossocial e estratégias de coping. *Contextos Clínicos*, 12(1), 1–25. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822019000100002

Set, Z. (2020). Dating Violence: A Review. *Psikiyatride Güncel Yaklaşımlar. Current Approaches in Psychiatry*, 12(4), pp. 444-454. <https://doi.org/10.18863/pgy.674468>

Schunk, D. (2020). *Learning theories: An educational perspective* (8th ed.). Pearson.

Silva, M. (2017). *Violência no namoro: Estudo com adolescentes de uma escola secundária de Bragança*. Dissertação de mestrado. Instituto Politécnico de Bragança. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/16197>

Sousa, B. (2021). *Violência nas relações de intimidade e namoro de jovens adultos: Um olhar sobre os estudantes da Universidade dos Açores*. Dissertação de Mestrado. Universidade dos Açores. <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/6310/1/DissertMestradoBeatrizAmaralSousa2022.pdf>

Sparkes, B. & Smith, A. (2014). *Qualitative research methods in sport, exercise and health: From process to product*. Routledge. https://www.researchgate.net/publication/308721085_Handbook_of_Qualitative_Research_in_Sport_and_Exercise

Stonard, K., Bowen, E., Lawrence, T., & Price, S. (2014). The role of technology in adolescent dating violence: A review. *Aggression and Violent Behavior, 19*(5), 464–472. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.07.007>

Straus, M. A. (2004). Prevalence and societal responses to partner violence: Insights from the National Family Violence Surveys. In D. J. D. Azar & R. H. Sprenkle (Eds.), *Family violence: Theory and practice* (pp. 19–33). Springer.

Tavares, O. (2011). *Violência Conjugal Dados sociodemográficos, comportamentos e crenças associados*. Dissertação de Mestrado. <https://comum.rcaap.pt/entities/publication/2f745596-529b-4932-be28-fa37eb9072c3>

Torremorell, M. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto Editora.

Vagi, K., *et al.* (2013). Beyond correlates: a review of risk and protective factors for adolescent dating violence perpetration. *Journal of youth and adolescence, 42*(4), 633–649. 7

Valtakoski, A., & Glaa, B. (2024). Beyond templates: Methodological reporting practices and their impact in qualitative service research. *Journal of Service Management, 35*(6), 66–108. <https://doi.org/10.1108/JOSM-06-2023-0253>

Ventura, M. *et al.* (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência, 3*(11), 95–103.

https://fpce.up.pt/love_fear_power/pdfs/publicacoes/Ventura_Frederico-Ferreira_Magalhaes%202013_dating_violence.pdf

Vieira, A. (2013). *Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos numa amostra de estudantes do ensino superior: o género fará a diferença?* Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/25315>

Vieira, J. (2010). *Metodologia de pesquisa científica na prática*. Editora Fael. <https://www.kufunda.net/publicdocs/Vieira,%20Jos%C3%A9%20Guilherme%20Silva%20-%202010%20-%20Metodologia%20de%20pesquisa%20cientifica%20na%20pratica%20-%20Fael%20-%20Livro%20-%20pp%20156%20-%20Metodologia.pdf>

Vieira, A. & Vieira, R. (2016). Mediações socioculturais: conceitos e contextos. IN: R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, & C. Margarido (Orgs.), *Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social* (cap. 12). Edições Afrontamento

Vieira, R. & Vieira, A. (2017). Mediações socioculturais em territórios educativos. IN: R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, & C. Margarido (Orgs.), *Concepções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social*, 1, 29-55. Edições Afrontamento

Walker, L. (1979). *The Battered Woman*. Harper and Row. <https://dl.icdst.org/pdfs/files3/54b12836483cc27d01a2ec3f33679b35.pdf>

Wood, J. T. (2001). Romance and relationship violence in popular media: A critical review. *Journal of Communication*, 51(2), 11–27.

Zweig, J. M., Lachman, P., Yahner, J., & Dank, M. (2014). Correlates of Cyber Dating Abuse Among Teens. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(8), 1306–1321. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0047-x>

APÊNDICES

APENDICE I - GUIÃO DE ENTREVISTA – JOVENS

Guião de Entrevista - Jovens

1. Dados de caracterização sociodemográfica

- Sexo:
- Nacionalidade:
- Ano de nascimento:

2. Conceitos e Perceção Geral

1. Na sua perspetiva, como definiria o conceito de violência no namoro?
2. Considera que este é um tema relevante para ser discutido entre os jovens? Se sim, porque?
3. Na sua opinião que tipos de violência podem ocorrer no contexto de um namoro?
4. Acredita que, a violência no namoro é uma realidade comum entre os jovens?
5. Quais considera serem os principais sinais ou indicadores de uma relação abusiva?
6. Acredita que os jovens conseguem reconhecer facilmente quando estão envolvidos numa relação tóxica ou abusiva?
7. Já teve conhecimento de algum caso de violência no namoro?
8. De que forma considera que se pode apoiar alguém que esteja a viver uma situação de violência no namoro?
9. Qual deve ser, na sua opinião, o papel da escola, da família e dos amigos na prevenção deste tipo de violência?

3. Reflexão e Perceção Individual

10. Quais os motivos que levam uma pessoa a aceitar comportamentos abusivos por parte do parceiro ou parceira?
11. Considera que rapazes e raparigas vivenciam a violência no namoro de forma diferente? Porquê?
12. Acha que existe pressão social ou de grupo para manter um relacionamento, mesmo quando este não é saudável?
13. De que forma acredita que a cultura popular (e.g redes sociais, cinema, etc.) influencia a forma como os jovens percecionam o namoro?

4. Apoio e Prevenção de Comportamentos Abusivos

14. Tem conhecimento sobre os serviços ou entidades aos quais pode recorrer em caso de violência no namoro?
15. Na sua opinião, existe ainda vergonha ou receio por parte das vítimas em pedir ajuda? Porquê?
16. Que tipo de iniciativas, campanhas ou ações acredita que seriam eficazes para sensibilizar os jovens para este problema?

5. Violência no Namoro no Contexto Escolar

17. A violência no namoro pode ocorrer dentro do espaço escolar? De que formas?
18. Já testemunhou ou ouviu falar de situações de ciúmes, controlo ou agressividade entre casais de namorados/as na escola?
19. Como é que, habitualmente, os colegas, professores ou outros membros da comunidade escolar reagem perante esse tipo de situações?
20. Na sua opinião os profissionais da escola (professores, auxiliares, etc.) estão devidamente preparados para lidar com casos de violência no namoro?
21. Na escola que frequenta existe alguma abordagem ou atividade educativa sobre a temática da violência no namoro?
22. Que medidas ou projetos considera que poderiam ser implementados na escola para prevenir a violência no namoro?

6. Violência no Namoro nas Redes Sociais

23. Acredita que as redes sociais podem ser utilizadas como ferramentas de controlo ou vigilância num relacionamento?
24. Já teve conhecimento de situações em que um dos elementos do casal exigia acesso a palavras-passe ou mensagens do outro? Qual é a sua opinião sobre isso?
25. Considera saudável partilhar todos os aspetos da vida de casal nas redes sociais? Por que motivo?
26. Já teve contacto com casos de humilhação ou exposição pública nas redes sociais após o fim de uma relação?

Agradecimento final

Muito obrigada pela sua disponibilidade e pelo contributo valioso que trouxe a esta entrevista.

APÊNDICE II - GUIÃO DE ENTREVISTA – AGENTES EDUCATIVOS

Guião de Entrevista

1. Dados de caracterização sociodemográfica

- Sexo:
- Nacionalidade:
- Ano de nascimento:
- Profissão:
- Área/setor de atuação profissional:
- Experiência profissional com jovens (anos ou contexto):

2. Questão introdutória

Q1: Pode falar-me um pouco sobre a sua experiência profissional com jovens e, em particular, com questões relacionadas com relações amorosas entre os mesmos?

3. Compreensão e perceção da violência no namoro

Q2: Como definiria a violência no namoro?

Q3: Que formas de violência considera que podem ocorrer neste tipo de relação?
(*Ex.: física, psicológica, sexual, digital, económica, social*)

Q4: Na sua opinião, existem diferenças na forma como rapazes e raparigas percecionam ou experienciam a violência no namoro?

4. Experiências diretas ou indiretas

Q5: Já teve contacto direto ou indireto com situações de violência no namoro (por exemplo, através de relatos, atendimentos, casos acompanhados)?

Q6: Como tendem as vítimas a reagir nessas situações? Procuram apoio? Se sim, onde e/ou junto de quem?

Q7: Quais considera serem os principais motivos que levam algumas pessoas a permanecer em relações abusivas?

5. Fatores de risco e prevenção

Q8: Que fatores considera que podem contribuir para o surgimento de comportamentos violentos nas relações de namoro?
(*Ex.: ciúme, controlo, redes sociais, consumo de substâncias, modelos familiares, entre outros*)

Q9: Que sinais de alerta podem indicar que uma relação de namoro é abusiva?

Q10: Na sua opinião, que estratégias ou ações podem ser eficazes na prevenção da violência no namoro entre jovens?

6. Respostas institucionais e apoio às vítimas

Q11: Considera que existem atualmente recursos e serviços adequados para apoiar as vítimas de violência no namoro?

Q12: Conhece instituições, programas ou iniciativas que trabalhem especificamente esta temática? Poderia referir alguns exemplos?

Q13: Que melhorias sugere ao nível da sensibilização, prevenção e resposta institucional?

7. Encerramento

Q14: Que mensagem ou conselho gostaria de deixar a jovens que possam estar a viver uma situação de violência no namoro?

Q15: Há mais alguma questão ou aspeto que gostaria de partilhar e que não tenha sido abordada?

Agradecimento final

Muito obrigada pela sua disponibilidade e pelo contributo valioso que trouxe a esta entrevista.

APÊNDICE III – ANÁLISE, POR CATEGORIAS, DAS ENTREVISTAS A JOVENS

Tabela 1 – Categoria 1. Subcategoria Conceção da Violência no Namoro

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Perceções da Violência no Namoro	Conceção de Violência no Namoro	“Violência no namoro é quando, dentro de uma relação, uma das pessoas começa a controlar, magoar ou fazer mal à outra, seja com palavras, atitudes ou até com agressões físicas.” (E1)
		“Violência no namoro é quando, numa relação, uma pessoa começa a controlar, magoar ou fazer mal à outra. (E2)
		“Violência no namoro, é algo inaceitável visto que são atos que não garantem a segurança do parceiro e nem da relação, isto é através de ações físicas e psicológicas que mal tratam o parceiro e a própria relação.” (E3)
		“É um conjunto de atitudes agressivas, seja física, verbal ou emocionalmente, que colocam em causa o respeito e o bem-estar numa relação amorosa.” (E4)
		“Violência no namoro é quando alguma das partes da relação agride física ou verbalmente a outra parte.” (E5)
		“É quando um parceiro faz mal ao outro, seja fisicamente ou psicologicamente.” (E6)
		“Violência no namoro é quando, dentro de uma relação, uma das pessoas tenta controlar ou machucar a outra, seja física, emocional ou verbalmente.” (E7)
		“Acho que é quando uma pessoa trata mal a outra no namoro. Pode ser gritar, bater, mandar muito, ou fazer a outra pessoa sentir-se triste ou com medo.” (E8)
		“Para mim, a violência no namoro é quando uma das pessoas tenta dominar a outra, seja de forma física, psicológica ou emocional.” (E9)

Tabela 2 – Categoria 1. Subcategoria Tipos de violência no namoro

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Perceções da Violência no Namoro	Tipos de Violência no Namoro	“Física” (E1)
		“Física” (E2)
		“Violência física” (E3)
		“Violência física” (E4)
		“Física” (E5)
		“Física” (E6)
		“Violência física: empurrões, pontapés, socos ou qualquer ato que cause dor ou lesão.” (E7)
		“Pode ser bater” (E8)
		“Pode ser violência física.” (E9)
		“Verbal” (E1)
		“Verbal” (E2)
		“Verbal” (E5)
		“Violência verbal: gritos, ameaças, ofensas constantes.” (E7)
		“Dizer coisas más” (E8)
		“Psicológica” (E1)
		“Psicológica” (E2)
		“Psicológica” (E3)
		“Psicológica” (E4)
		“Psicológica” (E5)
		“Psicológica e emocional” (E6)
		“Violência psicológica/emocional: insultos, humilhações, manipulação, chantagem emocional, isolamento social.” (E7)
“Violência emocional, e até violência psicológica.” (E9)		
“Sexual” (E1)		

			“Violência sexual: forçar ou pressionar o parceiro a ter relações sexuais sem consentimento.” (E7)
			“Violência digital: controlo excessivo nas redes sociais, invasão de privacidade, mensagens abusivas.” (E7)
			“Espiar o telemóvel.” (E8)
			“Mandar a pessoa não falar com amigos.” (E8)

Tabela 3 – Categoria 2. Subcategoria Percepções sobre Papéis e Comportamentos de Gênero

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Diferenças de Gênero na Violência no Namoro	Percepções sobre Papéis e Comportamentos de Gênero	“As raparigas tendem a reconhecer mais facilmente certos comportamentos como abusivos, especialmente os abusos emocionais e psicológicos. Porque têm acesso a mais informação sobre violência no namoro.” (E1)
		“As raparigas podem sentir-se mais à vontade para pedir ajuda.” (E2)
		“Normalmente é mais fácil agredir mulheres do que homens.” (E3)
		“Muitas vezes as raparigas são mais expostas à violência física e psicológica.” (E4)
		“As raparigas tendem a sofrer mais frequentemente violência física, sexual e psicológica, muitas vezes relacionada a desigualdades de género e papéis tradicionais.” (E7)
		“As raparigas podem ter mais medo.” (E8)
		“Os rapazes podem ter mais dificuldades em identificar comportamentos abusivos nas suas relações, especialmente em relação a violência emocional ou psicológica, pois muitas vezes são ensinados a não demonstrar vulnerabilidade.” (E1)
		“Os rapazes têm que ser fortes e não podem mostrar fraqueza, ele pode sentir que não pode pedir ajuda, porque tem medo de ser gozado ou de parecer fraco.” (E2)
		“Os rapazes podem sentir dificuldade em admitir que são vítimas.” (E4)
		“Já os rapazes podem enfrentar violência psicológica, controlo ou até violência física, mas muitas vezes têm dificuldade em falar sobre isso devido a estereótipos de masculinidade.” (E7)
“Os rapazes às vezes não falam por vergonha.” (E8)		

Tabela 4 – Categoria 3. Subcategoria Sinais de Alerta no Comportamento do Parceiro(a)

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Sinais de Namoro Abusivo	Sinais de Alerta no Comportamento do Parceiro(a)	“O/A namorado/a sente ciúmes.” (E1)
		“Os ciúmes doentios.” (E4)
		“Ciúmes excessivo.” (E5)
		“Ficar irritado ou agressivo sem motivo claro; e, acusar constantemente de traição sem provas.” (E7)
		“Sinais de ciúmes exagerado.” (E9)
		“Tenta controlar com quem falas, onde estás ou o que fazes.” (E1)
		“Querer controlar onde a outra pessoa vai, com quem fala, ou o que faz.” (E2)
		“A pessoa da relação, começa a ser bastante abusiva e controladora em relação às decisões do parceiro, como querer ver telemóvel dela, ou decidir o que ela tem ou não de vestir e para onde pode ou não ir.” (E3)
		“O controle excessivo.” (E4)
		“Querer saber tudo o que o parceiro faz, onde está e com quem está e exigir senhas de redes sociais ou telemóvel.” (E7)
		“Insultos” (E2)
		“Agressão verbal.” (E5)
		“Discussões constantes.” (E5)
		“Criticar a aparência, a maneira de ser ou agir; e, usar apelidos ofensivos, gritar, insultar.” (E7)
		“Tenta isolar-te dos teus amigos.” (E1)

			“Impedir que a pessoa fale com amigos ou familiares.” (E7)
			“Isolamento de amigos e familiares.” (E7)
			“Quando alguém fica triste muitas vezes (...) ou já não pode fazer o que gosta.” (E8)
			“Usa chantagem emocional para fazer sentir-te culpada.” (E1)
			“Manipulação emocional.” (E4)
			“Fazer a outra pessoa sentir-se culpada por tudo; e, desvalorizar sentimentos, opiniões ou conquistas.” (E7)
			“Empurrões, apertões, ou qualquer tipo de agressão física.” (E1)
			“Agressões físicas (empurrões)” (E1)
			“Agressão física” (E5)

Tabela 5 – Categoria 4. Subcategoria Capacidade de Reconhecer Sinais e Padrões Abusivos

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Reconhecimento e Normalização da Violência	Capacidade de Reconhecer Sinais e Padrões Abusivos	“Muitos jovens não reconhecem certos comportamentos como violentos porque estão normalizados no dia a dia.” (E1)
		“Não” (E2)
		“Eu acho que os jovens não têm tanta essa facilidade, visto que estão envolvidas emocionalmente.” (E3)
		“Nem sempre. Muitas vezes confundem certos comportamentos com amor ou proteção.” (E4)
		“Não”; “Acho que cada vez é mais é praticada não só em jovens.” (E5)
		“Não, às vezes demoram a perceber.” (E6)
		“Muitos jovens não sabem o que é uma relação saudável, nem foram ensinados a identificar os sinais de abuso. Algumas atitudes como ciúmes, controlo ou chantagem emocional ainda são vistas como “provas de amor”; “infelizmente, a violência no namoro é uma realidade bastante comum entre os jovens, mais do que muitas pessoas imaginam.” (E7)
		“Acho que não. Às vezes pensam que isso é normal porque gostam da pessoa.” (E8)
“Não, acho que não. No início, as pessoas confundem isso com amor ou preocupação, só depois é que percebem que não é algo saudável.”; “já ouvi falar de alguns casos.” (E8)		

Tabela 6 – Categoria 6. Subcategoria Fatores que Dificultam a Rutura da Relação

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Barreiras à Rutura de Relações Abusivas	Fatores que Dificultam a Rutura da Relação	“O medo de ficarem sozinhas, podem sentir medo de não encontrarem outra pessoa.” (E1)
		“Pode ser por medo de ficar sozinha.” (E4)
		“Medo de ficar sozinha.” (E6)
		“Medo” (E7)
		“Talvez porque tem medo de ficar sozinho.” (E8)
		“Estar emocionalmente dependente da outra, ou então não tem forma de se sustentar sem a outra.” (E3)
		“Pode só ter vergonha de dizer que é vítima de violência no namoro.” (E3)
		“Baixa autoestima.” (E4)
		“Baixa autoestima.” (E7)
		“O ciclo de abuso e reconciliação, o agressor pede desculpa, promete mudar e mostra-se carinhoso durante um período, contudo passado uns tempos volta as agressões.” (E1)
		“Acreditar que o parceiro vai mudar.” (E4)
		“Esperança de mudança.” (E7)
		“Pensa que a outra pessoa vai mudar.” (E8)
“Muitas pessoas não reconhecem sinais de abuso porque nunca foram ensinadas a identificar comportamentos prejudiciais. Por exemplo, o controle excessivo, as humilhações ou os ciúmes podem ser confundidos com "amor" ou "cuidado.” (E1)		

			“Às vezes, as pessoas aceitam comportamentos abusivos no namoro porque muitas vezes é o primeiro namorado e são muito novas para perceber os comportamentos abusivos.” (E2)
			“Não saber que é errado.” (E6)
			“A pessoa acredita que está a ser "amada", quando, na verdade, é manipulação.” (E9)

Tabela 7 – Categoria 7. Subcategoria Pressões Externas e Normas Socioculturais sobre o Relacionamento Amoroso

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Pressão Social e Cultural Popular	Pressões Externas e Normas Socioculturais sobre o Relacionamento Amoroso	“Não” (E1)
		“Não” (E2)
		“Em certos casos sim.” (E3)
		“Sim, especialmente por parte das redes sociais ou dos pares, que valorizam a imagem do "casal perfeito".” (E4)
		“Sim” (E5)
		“Sim, principalmente entre os mais jovens.” (E6)
		“Sim” (E7)
		“Sim, por medo do que os outros vão pensar.” (E9)
		“O cinema, as séries de TV e as redes sociais normalmente promovem narrativas românticas que podem não refletir a realidade dos relacionamentos.” (E1)
		“As redes sociais mostram os momentos bons, mas não as discussões.” (E2)
		“Eu acredito que agora, através da cultura popular, influencia no relacionamento dos jovens, e parecendo assim as relações muito superficiais e pouco de confiança.” (E3)
		“A cultura popular pode criar ideias erradas sobre o que é amor, romantizando comportamentos possessivos ou tóxicos.” (E4)
		“Expor uma vida perfeita e inalcançável.” (E5)
“A cultura às vezes faz parecer que as relações tóxicas são normais ou até "românticas".” (E6)		

			<p>“Filmes e séries frequentemente mostram relações perfeitas, cheias de paixão intensa e gestos dramáticos, criando um padrão difícil de alcançar na vida real. Expressões como “quem ama, cuida (controla)” são reproduzidas e podem ser interpretadas como aceitáveis.” (E7)</p>
			<p>“Sim. Nos filmes às vezes mostram que ciúmes é amor, e isso é confuso.” (E8)</p>
			<p>“Claro, crescemos com a Disney a mostrar-nos que somos todas princesas à procura do nosso príncipe encantado e vai ser tudo perfeito.” (E9)</p>

Tabela 8 – Categoria 8. Subcategoria Conhecimento Geral sobre Entidades de Apoio

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Serviços e Estratégias de Prevenção	Conhecimento Geral sobre Entidades de Apoio	“APAV; PSP; GNR” (E1)
		“GNR; CPCJ; PSP-” (E2)
		“Linha Nacional de Apoio à Vítima” (E3)
		“Sim” (E5)
		“Sim, sei algumas linhas de apoio.” (E6)
		“Linha Nacional contra a Violência Doméstica; Serviços de emergência, como a polícia (número 112)” (E7)
		“Mais ou menos. Acho que se pode falar com professores, pais ou a polícia.” (E8)
		“Sim.” (E9)
		“Não” (E4)

Tabela 9 – Categoria 9. Subcategoria Percepção da Violência no Namoro Escolar

Categoria	Subcategoria	Contexto da Entrevista
Violência no Namoro em Contexto Escolar e Digital	Percepção da Violência no Namoro Escolar	“Sim, a violência no namoro pode acontecer dentro da escola.” (E1)
		“Sim, porque a escola é um dos principais locais de convivência dos jovens.” (E2)
		“Sim pode.” (E3)
		“Sim.” (E4)
		“Sim.” (E5)
		“Sim, pode.” (E6)
		“Sim, a violência no namoro pode (e muitas vezes acontece) dentro do espaço escolar.” (E7)
		“Sim.” (E8)
		“Sim, pode.” (E9)
		“As formar podem ser: violência psicológica, verbal e ciberviolência.” (E1)
		“As formar podem ser: controlo e vigilância; ciúmes e isolamento, ameaças e intimidação; agressões físicas ou verbais.” (E2)
		“Imaginemos que num casal mais jovem, um deles quer terminar, mas no entanto, o parceiro não permite isso e por isso ameaça de que se acabarem ela deixa de ter amigos, ou que começa a agredi-la.” (E3)
		“Pode acontecer através de discussões, ameaças ou até agressões durante o dia escolar, especialmente em momentos em que o casal está mais próximo.” (E4)
		“Partir das redes sociais.” (E5)
“Discussões, controlo ou ciúmes.” (E6)		

		<p>“Gritos, insultos ou humilhações à frente de colegas; fazer cenas de ciúmes por falar com outros colegas; exigir respostas imediatas a mensagens, mesmo durante as aulas; empurrões, apertar o braço, agarrar com força; espalhar boatos ou fotos íntimas.” (E7)</p>
		<p>“Ciumentos com as namoradas (...) mandarem não falar com ninguém.” (E8)</p>
		<p>“Às vezes os casais começam a discutir na escola, trocar mensagens a insultar-se ou a vigiar-se é um espaço tão pequeno que podem utiliza-lo de forma errada.” (E9)</p>
		<p>“Sim” (E1)</p>
		<p>“Não” (E2)</p>
		<p>“Não” (E3)</p>
		<p>“Não” (E4)</p>
		<p>“Não” (E5)</p>
		<p>“Sim, já vi algumas situações.” (E6)</p>
		<p>“Não” (E7)</p>
		<p>“Já vi rapazes a ficarem muito ciumentos com as namoradas, tipo a mandarem não falar com ninguém.” (E8)</p>
		<p>“Sim, já vi situações em que um rapaz ou uma rapariga tentava controlar o outro.” (E9)</p>

Tabela 10 – Categoria 9. Subcategoria Percepção da Violência no Namoro Escolar

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Violência no Namoro em Contexto Escolar e Digital	Percepção da Violência no Namoro Escolar	“Os colegas (...) alertam que esses comportamentos não são corretos.” (E1)
		“Eu nunca vi estas situações. Não sei como reagem.” (E2)
		“Acredito (...) colegas da minha comunidade escolar iriam dar o apoio necessário para a vítima dessa situação.” (E3)
		“Os colegas depende.” (E9)
		“Os (...) professores alertam que esses comportamentos não são corretos.” (E1)
		“Não sei como reagem.” (E2)
		“Acredito que os professores (...) da minha comunidade escolar iriam dar o apoio necessário para a vítima dessa situação.” (E3)
		“Acredito que fariam o possível para intervir, proteger a vítima e encaminhar o caso para ajuda adequada.” (E4)
		“Contactam os devidos encarregados de educação.” (E5)
		“Às vezes ignoram ou tentam ajudar, mas não sabem como.” (E6)
		“A reação (...) professores e outros membros da comunidade escolar perante situações de violência no namoro pode variar bastante, mas infelizmente, em muitos casos, essas situações são ignoradas, minimizadas ou mal compreendidas.” (E7)
		“Alguns sim, outros nem sabem o que está a acontecer.” (E8)
		“Normalmente os professores quando dão conta tentam ajudar, o problema é que muitos deles também não se querem é chatear.” (E9)
		“Não.” (E1)
		“Não.” (E2)

			“Eu acredito que sim.” (E3)
			“Eu acredito que sim.” (E4)
			“Nem sempre.” (E5)
			“Não, acho que não.” (E6)
			“Na minha opinião, a preparação dos profissionais da escola para lidar com casos de violência no namoro varia muito, mas na maioria dos contextos ainda é insuficiente.” (E7)
			“Não.” (8)

Tabela 11 – Categoria 9. Subcategoria Violência no Namoro através dos Meios Digitais

Categoria	Subcategoria	Contexto da Entrevista
Violência no Namoro em Contexto Escolar e Digital	Violência no Namoro através dos Meios Digitais	“Sim”; “Tive conhecimento mas neste caso os dois compartilharam e no qual não foi apenas de uma pessoa que exigiu, mas que apenas os dois queriam assim.” (E3)
		“Sim”; “Sim, já ouvi falar.” (E4)
		“Sim” (E6)
		“Sim! Tipo, ver com quem a pessoa fala, pedir senhas e espiar tudo.”; “Sim, uma vez ouvi que um rapaz ficou chateado porque a namorada não lhe deu a senha do Insta.” (E8)
		“Sim, já ouvi falar de casos assim.” (E9)
		“Não” (E1)
		“Não” (E2)
		“Não” (E5)
		“Não” (E7)
		“Na minha opinião numa relação saudável, a confiança constrói-se, não se impõe. Ter acesso aos dados pessoais do outro só deve acontecer com consentimento genuíno e livre, nunca por pressão ou chantagem.” (E1)
		“A palavra passe é pessoal e não se deve dar.” (E2)
		“No meu ponto de vista se ambos querem e não se importam de partilhar, eu não vejo mal nenhum, desde que isso não seja imposto á força e que não seja apenas de um dos lados.” (E3)
		“Acho que deve existir confiança mútua, e não vigilância. Ninguém deve sentir-se obrigado a partilhar a sua privacidade.” (E4)

			<p>“Na minha opinião isso é sinal de que há efetivamente algum tipo de agressão.” (E5)</p>
			<p>“Sim, pode acontecer muito.” (E6)</p>
			<p>“Ninguém deve ser obrigado a partilhar as suas senhas ou mensagens privadas. Todos têm direito à sua intimidade e privacidade, mesmo dentro de um relacionamento.” (E7)</p>
			<p>“Eu acho que isso é super errado.” (E9)</p>

APÊNDICE IV – ANÁLISE, POR CATEGORIAS, DAS ENTREVISTAS AOS AGENTES ESCOLARES

Tabela 1 – Categoria 1. Subcategoria Conceção da Violência no Namoro

Categoria 1	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Perceções da Violência no Namoro	Conceção de Violência no Namoro	“A violência no namoro é qualquer comportamento agressivo, de controlo ou manipulação por uma das partes na relação.” (E1)
		“Violência no namoro é qualquer ato de abuso (físico, emocional ou psicológico) que uma pessoa faz ao seu parceiro(a) para controlar ou machucar.” (E3)
		“A violência no namoro pode ser definida como qualquer comportamento abusivo que ocorra numa relação afetiva entre jovens — mesmo que ainda numa fase inicial ou platónica — e que tenha como objetivo ou efeito controlar, humilhar, intimidar ou agredir o outro, seja física, psicológica, emocional, sexual ou digitalmente.” (E5)
		“Violência no namoro é qualquer forma de comportamento abusivo, seja físico, psicológico, sexual ou moral, que uma pessoa exerce sobre a outra no contexto de um relacionamento afetivo entre jovens ou adultos, com o objetivo de controlar, intimidar, humilhar ou dominar o parceiro ou parceira.” (E8)
		“Falta de respeito com o outro.” (E2)
		“A violência no namoro é um comportamento que se manifesta nas relações afetivas, onde uma das pessoas exerce poder e controlo sobre a outra através de diversas formas. Não são discussões ocasionais ou momentos de mau humor, mas comportamentos repetitivos e crescentes.” (E4)
		“Considero que a violência no namoro, tal como outra violência de casal, refere-se a um conjunto de ações ou comportamentos irregulares e repetidos, de agressão física, verbal ou comportamental de um elemento do casal sobre outro ou entre ambos. Neste caso, episódios de violência entre namorados.” (E6)

Tabela 2 – Categoria 1. Subcategoria Tipos de Violência no namoro

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Perceções da Violência no Namoro	Tipos de Violência no Namoro	“Física” (E1)
		“Física” (E2)
		“Física” (E3)
		“Física” (4)
		“Violência física: embora menos comum nesta idade neste tipo de relação, não é impossível — pode surgir em empurrões, agressões ou comportamentos mais impulsivos motivados por ciúmes ou conflitos.” (E5)
		“Uso da força física para causar dor ou dano, como empurrões, bofetadas, socos, pontapés ou qualquer agressão corporal.” (E8)
		“Psicológica” (E1)
		“Psicológica” (E2)
		“Psicológica” (E3)
		“Psicológica/emocional” (E4)
		“Violência psicológica: manifesta-se através de insultos, humilhações, chantagens emocionais ou tentativas de controlo. Por exemplo, quando um aluno diz a outro que não pode falar com determinadas pessoas ou o ameaça deixar de ser seu amigo se não fizer o que quer.” (E5)
		“Atualmente a violência psicológica perpetrada pelas redes sociais tenha vindo a tomar proporções quase incontroláveis, pela génese tentacular do tipo de ferramentas e métodos que é possível utilizar (não se tornando fácil detetar tão precocemente).” (E6)
		“Psicológica” (E7)
		“Comportamentos que afetam a autoestima e o equilíbrio emocional da pessoa, como insultos, humilhações, ameaças, chantagens emocionais, manipulação.” (E8)
“Económica” (E1)		

			“Económica” (E2)
			“Económica” (E3)
			“Económica” (E4)
			“Violência económica: menos relevante no ensino básico, mas pode surgir de forma pontual, como exigência de ofertas ou uso indevido de pertences de outra criança.” (E5)
			“Sexual” (E1)
			“Sexual” (E2)
			“Sexual” (E3)
			“Violência sexual: ainda que nesta faixa etária o envolvimento sexual seja muito raro, pode haver comportamentos de invasão do espaço íntimo, toques indesejados ou comentários com conotação sexual, que devem ser levados a sério.” (E5)
			“Qualquer ato sexual forçado, sem consentimento.” (E8)
			“Digital, os miúdos andam todos agarrados aos telemóveis e a falar com quem não devem.” (E2)
			“Digital” (E3)
			“Digital” (E4)
			“Violência digital: através das redes sociais ou mensagens, pode haver controlo, exposição de conversas privadas, partilha de imagens sem consentimento ou pressão para estar constantemente disponível online.” (E5)
			“A digital é mais exposta e publica, o que pode afetar a relação de um par com mais intervenientes.” (E7)
			Uso de tecnologias, como redes sociais, mensagens ou aplicações, para controlar; controlar dinheiro ou gastos.” (E8)
			“Social” (E3)

			<p>“Violência social: ocorre quando um jovem tenta isolar o outro dos amigos, da família ou de atividades, como forma de controle ou posse. Pode surgir, por exemplo, em frases como “se fores brincar com ela, deixo de gostar de ti”.” (E5)</p>
			<p>“Tentativa de isolar a pessoa de amigos.” (E8)</p>

Tabela 3 – Categoria 2. Subcategoria Percepções sobre Papéis e Comportamentos de Gênero

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Diferenças de Gênero na Violência no Namoro	Percepções sobre Papéis e Comportamentos de Gênero	“Geralmente as raparigas tendem a identificar mais rapidamente comportamentos abusivos.” (E1)
		“Acho que as raparigas continuam a aceitar e a calar mais. Aham que a situação é pontual e têm mais dificuldade em assumir que se trata de um desvio.” (E4)
		“Grande parte das raparigas considera que ser controlada/condicionada é sinal de que alguém (os rapazes, sobretudo) gosta delas, o que as leva a ficarem dependentes, ainda que nem se apercebam disso.” (E6)
		“Penso que as raparigas estão mais vulneráveis, pois perceção sexista ainda é muito machista, pelo que as raparigas sofrerão mais.” (E7)
		“As raparigas tendem a identificar e vivenciar a violência de forma mais profunda, especialmente nas suas vertentes psicológica, física e sexual, que ocorrem com maior frequência e intensidade neste grupo.” (E8)
		“Os rapazes são menos propensos a ser vítimas de violência, especialmente física.” (E6)
		“Os rapazes tendem a subestimar ou minimizar as situações de violência que enfrentam, sobretudo nos domínios psicológico e emocional. Tal comportamento está frequentemente associado às normas sociais e culturais que promovem a ideia de masculinidade como sinónimo de força e invulnerabilidade, dificultando a expressão de vulnerabilidade e a procura de apoio” (E8)

Tabela 4 – Categoria 3. Subcategoria Fatores individuais, emocionais e contextuais

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Fatores que Contribuem para o Surgimento da Violência	Fatores individuais, emocionais e contextuais	“Ciúme” (E1); controlo; redes sociais; consumo de substancias e os modelos familiares os modelos familiares são muito importantes.
		“Ciúme” (E2)
		“Ciúme” (E3)
		“Ciúme” (E4)
		“Ciúme” (E5)
		“Ciúme” (E6)
		“O ciúme será um dos grandes fatores” (E7)
		“O ciúme descontrolado pode levar a comportamentos de vigilância, controlo e possessividade, que frequentemente antecedem ou acompanham episódios de violência.” (E8)
		“Controlo” (E1)
		“Controlo” (E2)
		“Controlo” (E4)
		“necessidade de controlo” (E5)
		“Controlo” (E6)
		“Necessidade de controlo, o desejo de dominar o parceiro ou parceira, restringindo a sua liberdade e autonomia, é um fator central na dinâmica da violência nas relações afetivas.” (E8)
		“redes sociais” (E1)

			“redes sociais” (E2)
			“influência das redes sociais” (E3)
			“redes sociais” (E4)
			“influência das redes sociais, que muitas vezes alimentam comportamentos de controlo e pressão.” (E5)
			“redes sociais” (E6)
			“As redes sociais, pois o que se diz, escreve ou se mostra, fica registado digitalmente o que contribui para um fosso numa relação quando se exposta(o) a pressão ou chantagem.” (E7)
			“O uso inadequado das redes sociais pode facilitar o assédio, a vigilância constante, a divulgação não autorizada de informações ou imagens pessoais, e a humilhação pública.” (E8)
			“Modelos familiares” (E1)
			“Modelos familiares” (E2)
			“Modelos familiares” (E4)
			“Também é comum que jovens que crescem em contextos familiares com violência ou modelos de relações desequilibradas reproduzam essas dinâmicas.” (E5)
			“Modelos familiares” (E6)
			“Experiências de violência, negligência ou maus-tratos em ambientes familiares na infância ou adolescência podem normalizar comportamentos agressivos e influenciar negativamente as relações futuras.” (E8)
			“A falta de competências emocionais, como a gestão da frustração ou a empatia, pode levar a respostas agressivas.” (E5)
			“Consumo de substâncias” (E1)
			“Consumo de substâncias” (E2)

			“Consumo de substancias” (E4)
			“consumo de substâncias, podem potenciar atitudes abusivas.” (E5)
			“O abuso de álcool e outras drogas pode exacerbar comportamentos agressivos e diminuir a capacidade de autocontrolo, aumentando o risco de violência.” (E8)
			“estereótipos de género e, em idades mais avançadas (...) podem potenciar atitudes abusivas.” (E5)

Tabela 5 – Categoria 4. Subcategoria Sinais de Alerta no Comportamento do Parceiro(a)

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Sinais de Namoro Abusivo	Sinais de Alerta no Comportamento do Parceiro(a)	“Se calhar mais o ciúme.” (E1)
		“Ciúmes” (E2)
		“Ciúmes excessivos.” (E3)
		“A comportamentos de ciúme excessivo.” (E5)
		“Demonstrações frequentes de ciúmes exagerados, acusações infundadas de traição ou desconfiança constante.” (E8)
		“Controle excessivo.” (E2)
		“Tentativas de controlar onde a pessoa vai, com quem fala, e como se veste.” (E3)
		“Controlo sobre o telemóvel e redes sociais.” (E5)
		“O parceiro ou parceira tenta controlar com quem a pessoa fala, onde vai, o que veste, ou monitoriza constantemente as suas atividades e comunicações.” (E8)
		“Pressão sexual.” (E2)
		“ Pressão para fazer coisas que não quer, incluindo contacto físico ou sexual” (E5)
		“Pressões ou imposições para práticas sexuais sem consentimento, assédio ou abuso.” (E8)
		“Ameaças, chantagens emocionais ou humilhações” (E5)
		“Insultos, críticas constantes, humilhações públicas ou privadas, que diminuem a confiança e o bem-estar da pessoa.” (E8)
“Isolamento de amigos e família.” (E8)		

			<p>“Os sinais que melhor identifico são o facto de os membros do casal se isolarem (especialmente a vítima), deixando de contactar frequentemente com outros amigos/colegas; deixar de frequentar alguns locais/grupos; alterar a forma de vestir/estar/se apresentar (ex: maquilhagem, cabelos...)” (E5)</p>
			<p>“Fechar-se perante os outros e criarem isolamento.” (E7)</p>
			<p>“Tentativas de afastar a pessoa dos amigos, familiares ou de outros apoios, restringindo o seu convívio social.” (E8)</p>
			<p>“Mudanças de comportamento (tristeza, ansiedade, isolamento)” (E5)</p>
			<p>“tristeza do olhar” (E6)</p>
			<p>“Alterações notórias na autoestima, humor, desempenho escolar ou profissional, e comportamentos de medo, ansiedade ou tristeza frequentes.” (E8)</p>
			<p>“Uso de ameaças para controlar ou intimidar, podendo envolver agressões físicas ou psicológicas.” (E8)</p>
			<p>“Marcas de violência física” (e6)</p>
			<p>“Episódios de empurrões, bofetadas, socos, pontapés ou qualquer forma de agressão corporal.” (E8)</p>

Tabela 6 – Categoria 5. Subcategoria Fatores que Dificultam a Rutura da Relação

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Barreiras à Rutura de Relações Abusivas	Fatores que Dificultam a Rutura da Relação	“Medo (medo do agressor, medo de ficar sozinho)” (E4)
		“Medo da rejeição ou da solidão, a ideia de perder a ligação afetiva ou o lugar no grupo de pares pode levar a vítima a tolerar comportamentos abusivos.” (E5)
		“Medo da reação do/a seu/sua companheiro/a, pois está muitas vezes associado a ameaças.” (E5)
		“Facto de serem chantageadas, por um passado íntimo.” (E7)
		“O receio de represálias físicas, emocionais ou sociais pode inibir a vítima de romper a relação. Muitas vezes, o agressor exerce ameaças diretas ou veladas que geram um clima de intimidação constante.” (E8)
		“Dependência emocional.” (E4)
		“Parece haver toda uma teia de dependência e manipulação. Aponto talvez questões relacionadas com a baixa autoestima e sentimentos de culpa, dependência emocional (...) dependência financeira” (E4)
		“A falta de autonomia financeira limita as opções da vítima, tornando difícil abandonar a relação, sobretudo quando depende economicamente do parceiro ou parceira.” (E8)
		“Em algumas situações, a vítima pode sentir-se pressionada a manter a relação por medo de ser gozada, excluída ou por querer “encaixar” socialmente.” (E4)
		“Medo se calhar do que a sociedade vai falar.” (E1)
		“Vergonha e estigma social” (E4)
“Normas sociais que valorizam a manutenção da relação, o medo do julgamento social, o estigma associado ao divórcio ou à separação, e as expectativas culturais sobre o papel da mulher e do homem podem dificultar a saída.” (E8)		

		<p>“Falta de informação e recursos” (E4)</p>
		<p>“Muitos jovens, especialmente os mais novos, não sabem a quem recorrer ou têm receio de não serem compreendidos se contarem o que estão a viver.” (E4)</p>
		<p>“Quando uma criança ou jovem não se sente valorizada ou segura de si, tende a aceitar relações onde não é respeitada, por receio de não encontrar outra forma de afeto ou aceitação.” (E4)</p>
		<p>“A violência psicológica e o desgaste emocional podem levar a uma diminuição da autoconfiança, fazendo com que a vítima se sinta incapaz de viver sem o agressor.” (E8)</p>
		<p>“Mesmo em idade jovem, é comum a ideia de que “ele/ela vai mudar” ou que certos comportamentos foram apenas “momentos de zanga”.” (E4)</p>
		<p>“Sentimentos de amor, apego e esperança de mudança fazem com que a vítima mantenha a ligação, acreditando que a relação pode melhorar ou que o agressor pode mudar.” (E8)</p>
		<p>“A falta de perceção que estão a ser abusadas (...) pensar-se que a relação poderá ser normal.” (E7)</p>

Tabela 7 – Categoria 6. Subcategoria Conhecimento Geral sobre Entidades de Apoio

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Serviços e Estratégias de Prevenção	Conhecimento Geral sobre Entidades de Apoio	“Linha de Informação a Vítimas de Violência Doméstica” (E1)
		“APAV” (E2)
		“Linha Nacional de Apoio à Vítima” (E3)
		“Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a UMAR, o "Violentómetro" e a Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP).” (E4)
		“Na escola, existem gabinetes e técnicos especializados que constituem uma rede de apoio mais próxima e eficaz; Linha Nacional de Emergência Social; Linha de Informação a Vítimas de Violência Doméstica; número de emergência nacional para situações de perigo iminente.” (E5)
		“Instituições como as linhas de atendimento telefónico ou instituições de apoio às vítimas (ex: APAV, AMCV,...).” (E6)
		“O apoio à vítima, serviços de psicologia escolar, linhas de atendimento” (E7)
		“APAV presta apoio confidencial e gratuito a vítimas de violência.” (E8)
		“A escola (diretamente integrado na disciplina de Cidadania ou noutras e nos Serviços de Psicologia), ou em parcerias com o Centro de saúde ou GNR.” (E6)
“A CIG é (...) responsável pela promoção da igualdade de género e pela prevenção e combate à violência doméstica e de género. Desenvolve campanhas nacionais e apoia projetos educativos em escolas, como o programa “Escola Sem Bullying Escola Sem Violência”. (E8)		

Tabela 8 – Categoria 7. Subcategoria Ações educativas e de sensibilização

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Serviços e Estratégias de Prevenção	Ações educativas e de sensibilização	“Continuar a falar sobre a Igualdade de Género, desmistificando papéis tradicionais e expectativas de género que podem levar a dinâmicas de poder desequilibradas e, conseqüentemente, à violência.” (E4)
		“Educação para os afetos e para a cidadania, promovendo o respeito, a empatia e a comunicação saudável nas relações interpessoais; Desconstrução de estereótipos de género e de ideias tóxicas sobre o amor, muitas vezes veiculadas por meios de comunicação e redes sociais.” (E5)
		“Implementação de programas educativos estruturados, desde o ensino básico até ao secundário, que abordem a temática da igualdade de género, prevenção da violência, comunicação assertiva e desenvolvimento de competências socioemocionais, promovendo uma cultura de não violência e respeito mútuo.” (E8)
		“Maior propaganda do problema.” (E1)
		“Debates nas escolas.” (E3)
		“Para ajudar, é crucial oferecer um ambiente de apoio incondicional, sem julgamentos, e fornecer informações sobre os recursos disponíveis para que a vítima possa, no seu tempo e com o apoio adequado, encontrar a força para sair e reconstruir a sua vida.” (E4)
		“Ensinar os jovens a reconhecer os sinais de uma relação abusiva, seja ela física, psicológica, sexual, digital ou económica.” (E4)
		“Campanhas de Consciencialização que envolvam os jovens.” (E4)
		“Ações de sensibilização em contexto escolar, como debates, tertúlias, teatro/dramatizações, campanhas e atividades interativas; Envolvimento das famílias

		<p>e da comunidade educativa, criando um ambiente de diálogo e reforçando mensagens consistentes sobre relações saudáveis.” (E5)</p>
		<p>“Disciplina de Cidadania, através de colóquios realizados pela GNR – escola Segura ou por profissionais de Saúde.” (E7)</p>
		<p>“Desenvolvimento de campanhas de sensibilização de âmbito local e nacional, destinadas a desconstruir estereótipos de género e normalizações da violência, bem como formação especializada para profissionais dos setores da educação, saúde, justiça e ação social, capacitando-os para a deteção precoce e intervenção adequada. (E8)</p>
		<p>“Trabalho contínuo com alunos sobre autoestima, gestão de emoções e resolução de conflitos, desde os primeiros anos de escolaridade.” (E5)</p>
		<p>“Fomento do fortalecimento da autoestima, autonomia emocional, pensamento crítico e capacidades de resolução pacífica de conflitos, potenciando a construção de relações interpessoais saudáveis e equilibradas.” (E8)</p>
		<p>“Maior controle dos pais.” (E2)</p>
		<p>“Espaços de diálogo onde os jovens se sintam seguros para falar sobre as suas relações, medos e preocupações, sem julgamento; Criar canais de denúncia confidenciais, estabelecer mecanismos claros e seguros para que os alunos possam denunciar situações de violência, garantindo a sua privacidade e proteção.” (E4)</p>
		<p>“Criação de espaços seguros para os alunos partilharem dúvidas, preocupações ou experiências, através de atendimento individual, dinâmicas em grupo ou caixas de mensagens anónimas.” (E5)</p>
		<p>“Criação e reforço de serviços e espaços de apoio acessíveis, confidenciais e acolhedores.” (E8)</p>

Tabela 9 – Categoria 8. Subcategoria Percepção da Violência no Namoro Escolar

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Violência no Namoro em Contexto Escolar e Digital	Percepção da Violência no Namoro Escolar	“Sim” (E2)
		“Sim.” (E3)
		“Sim, algumas situações ao longo dos anos.” (E4)
		“Já acompanhei também situações em que uma criança se sentia pressionada a corresponder a sentimentos de outra ou mostrava sofrimento emocional por se sentir rejeitada” (E5)
		“Sim, por vezes, algumas alunas já relataram diretamente situações de controlo do local onde estão (fora do olhar do seu namorado), sendo obrigadas a fazer constantes videochamadas. Outra situação também já relatada diretamente é o controlo do tipo de roupa utilizada pela namorada (decotes ou comprimento das saias, por exemplo).” (E6)
		“Esporadicamente, pois a maior parte dos problemas que poderão ocorrer em contexto de escola, os casos serão encaminhados para o DT ou para os serviços de psicologia e mediação familiar.” (E7)
		“Sim.” (E8)
		“Sim, indiretamente através de situações vividas na escola.” (E1)
		“Já tive contacto indireto com sinais ou comportamentos que podem ser enquadrados como manifestações precoces de relações abusivas. Por exemplo, em contextos de atendimento individual ou em articulação com os docentes, surgem relatos de crianças que apresentam comportamentos de ciúmes, controlo ou exclusão em relação aos colegas com quem têm uma ligação afetiva mais próxima.” (E5)
“Indiretamente, o caso que mais me chocou foi na escola onde estou agora, tendo tido conhecimento de um aluno que batia na sua namorada, o que só descobri após mostrar um filme sobre violência doméstica, integrado na matéria que lecionava.” (E6)		

Tabela 10 – Categoria 9. Subcategoria Percepção da Violência no Namoro Escolar

Categoria	Subcategoria	Excerto de Entrevista
Violência no Namoro em Contexto Escolar e Digital	Percepção da Violência no Namoro Escolar	“Junto dos professores e psicóloga.” (E1)
		“Muitas vítimas têm vergonha de procurar ajuda inicialmente, mas depois recorrem a amigos, ou auxiliares e professores.” (E3)
		“Quando o apoio é procurado de forma mais explícita, as crianças tendem a recorrer a adultos de confiança dentro da escola — professores, psicólogos ou a mim enquanto Assistente Social. O papel da escuta ativa, da validação emocional e da criação de um espaço seguro é essencial para que a criança se sinta acolhida e compreendida.” (E5)
		“Penso que ao relatarem para um adulto algumas situações, embora aparentemente com alguma ingenuidade, talvez inconscientemente estejam a pedir ajuda e/ou a tentar entender qual a percepção do adulto sobre a sua situação.” (E6)
		“Muitas vezes procuram, vão dando algumas pistas que através do diálogo na relação alunos/professor em que haja mais à vontade ou confiança, pode ser um ponto de contacto.” (E7)
		“Quando o fazem, geralmente recorrem primeiro a pessoas próximas, como amigos, familiares ou parceiros de confiança. O apoio informal é, frequentemente, a primeira rede a que se dirigem, pois proporciona um ambiente de segurança e compreensão.” (E8)
		“Outras são os colegas que falam.” (E4)
		“No contexto do ensino básico, as reações das crianças e pré-adolescentes a situações que envolvem comportamentos abusivos em relações afetivas ou de amizade tendem a ser muito variadas, e nem sempre são facilmente identificáveis como pedidos de ajuda diretos. Muitas vezes, as vítimas não reconhecem o que estão a viver como uma forma de violência ou sentem vergonha, medo ou confusão em relação ao que estão a viver. Na minha experiência, é comum que a procura de apoio aconteça de forma indireta (...) os professores ou auxiliares educativos desempenham um papel fundamental, pois são muitas vezes os primeiros a notar esses sinais e a sinalizá-los para acompanhamento. (...) Também já aconteceram situações em que a procura de apoio foi feita indiretamente

			através de um colega, que percebeu que algo não estava bem e decidiu partilhar com um adulto.” (E5)
			“Há vítimas que continuam a guardar para si as situações (normalmente as mais graves, quando já têm consciência de que aquilo “não é normal” ou pelo menos as incomoda), por vergonha ou por medo.” (E6)
			“Muitas vítimas encontram dificuldades em pedir ajuda” (E8)